

# exame.

**EDIÇÃO ESPECIAL  
APRESENTADA POR**

**invest.RS**



GOVERNO  
DO ESTADO  
**RIO  
GRANDE  
DO SUL**



# RIO GRANDE DO SUL: PRONTO PARA O FUTURO

APÓS REFORMAS ESTRUTURANTES E PROJETOS ESTRATÉGICOS, O ESTADO ABRE UM NOVO CICLO DE OPORTUNIDADES EM SETORES QUE VÃO DO AGRONEGÓCIO À ENERGIA LIMPA

O Rio Grande do Sul  
tem um motivo melhor  
do que o outro para  
você investir e ganhar.

# ➤ Procure a Invest RS.

A Invest RS - agência de desenvolvimento do Rio Grande do Sul - faz parte de um movimento estratégico de conexão do Estado gaúcho com os principais polos de investimento, inovação e negócios do Brasil e do mundo. Pronto para investir na nossa terra? O Rio Grande do Sul está preparado para entregar os melhores resultados.

➤ Venha investir e se estabelecer no Rio Grande do Sul.



- **Foco em Desenvolvimento**  
Mais de R\$ 11 bilhões na retomada de grandes investimentos públicos
- **Polo de Inovação e Tecnologia**  
1º Estado brasileiro em inovação
- **Recursos Naturais e Sustentabilidade**  
Maior potencial eólico do país
- **Infraestrutura**  
Porto com rotas marítimas conectadas a mais de 90 países
- **Economia Diversificada**  
Maior produtor nacional de máquinas agrícolas e de biocombustíveis
- **E mais**  
Segurança Jurídica - Mão de Obra Qualificada - Oportunidades de Negócios - Qualidade de Vida - Localização Estratégica





## 6 CARTA

### 8 APRESENTAÇÃO

O Rio Grande do Sul saiu de sua pior crise para se tornar um dos estados mais competitivos do Brasil

### 14 ENTREVISTA

O governo de Eduardo Leite apostou em reformas estruturantes e PPPs e concessões para atrair investimentos

### 20 SETORES ESTRATÉGICOS

Plano de desenvolvimento prioriza 12 vocações regionais e oferece segurança jurídica e tradição produtiva

### 24 INVESTIMENTOS

A Invest RS abre escritório na Faria Lima e acelera projetos em setores estratégicos para a economia

### 28 AGRONEGÓCIO

O estado é um dos líderes nacionais em produção de máquinas agrícolas e concentra 60% da produção de tratores

Parque Moacyr Scliar, às margens do Rio Guaíba: a retomada do Rio Grande do Sul é favorável para empresas e investidores



JEFFERSON BERNADES/AGÊNCIA PREVIEW

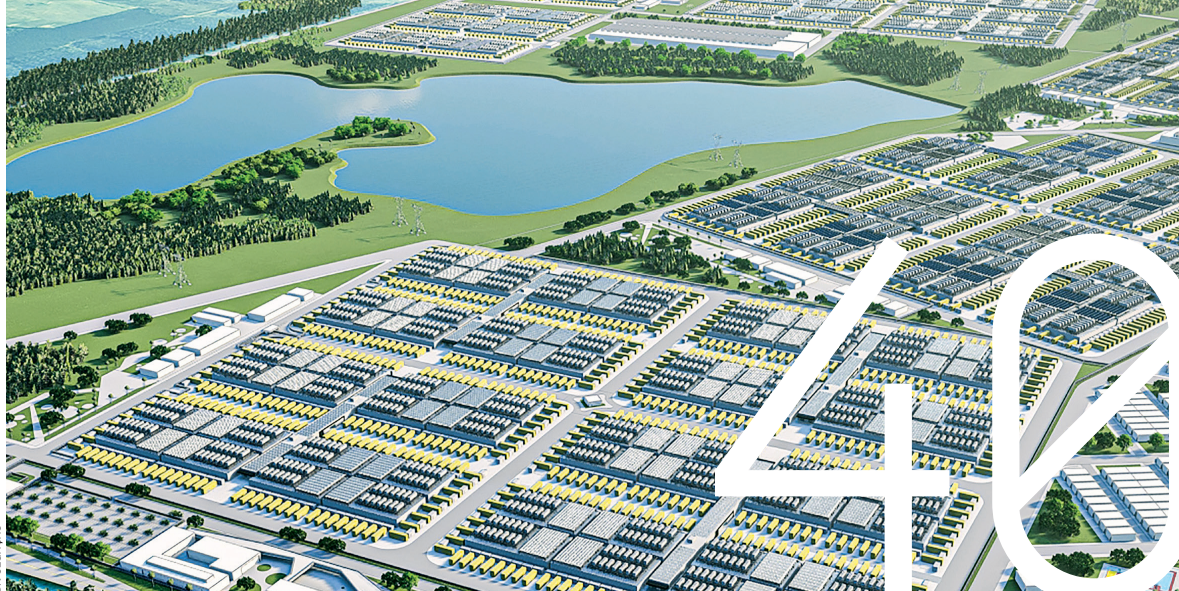
Colheitadeira em exposição: o estado, que tem tradição agropecuária, é um dos líderes nacionais em produção de máquinas agrícolas



EDUARDO FRAZÃO

# SUMÁRIO





Scala AI City: Eldorado do Sul, na Região Metropolitana de Porto Alegre, será a cidade dos data centers

### 36 SEMICONDUCTORES

Das fábricas brasileiras, 40% ficam no RS, único estado com programa estruturado para a indústria de componentes

### 40 DATACENTERS

Primeiro distrito digital do país será construído em Eldorado do Sul e terá 7 quilômetros quadrados de extensão

### 44 TRANSIÇÃO ENERGÉTICA

A indústria do hidrogênio verde vai gerar cerca de 41.000 empregos e adicionar 62 bilhões de reais ao PIB gaúcho

### 50 INFRAESTRUTURA

Depois da catástrofe de maio de 2024, investimentos para a reconstrução aceleram a retomada e atraem capital privado

### 54 PRODUTOS REGIONAIS

A qualidade da agricultura familiar garante prêmios, reconhecimento internacional e movimenta a economia

### 58 TURISMO

Os setores público e privado caminham juntos para ampliar e melhorar as estruturas para receber os visitantes

### 64 PANORAMA

A reconstrução do estado passa por inovação e por um projeto mais amplo de economia sustentável e adaptação climática



Erva-mate, essencial para o chimarrão: produtos da agricultura familiar ganham o mundo e mantêm a tradição do RS

# exame.

**Diretor de Redação**  
Lucas Amorim

## Editores

Ivan Padilla, Karla Mamona, Leo Branco, Lia Rizzo,  
Luciano Pádua, Mariana Martucci e Natalia Viri

## Editores Assistentes e Repórteres

André Lopes, André Martins, César H.S. Rezende, Daniel Giussani, Gabriel Rubinstein, Guilherme Guilherme, Isabela Rovaroto, Júlia Storch, Juliana Alves, Juliana Pio, Laura Pancini, Layane Serrano, Letícia Furlan, Letícia Ozório, Luiz Aversa, Luiza Vilela, Marcos Omena, Mitchell Diniz, Rafael Balago, Rebecca Crepaldi, Sofia Schuck, Tamires Vitorio e Raphaela Seixas (estagiária)

**Arte:** Carolina Gehlen (chefe), Carmen Fukunari (editora) e Estúdio Drama

**Foto:** Leandro Fonseca (editor) e Julio Gomes

**Esta edição especial e personalizada foi produzida pela EXAME LTDA para a Invest RS, a agência de investimentos do estado.**

**Edição:** Gabriella Sandoval e Luciano Pádua

**Coordenação:** Júlio Alves, Bruna Lima e Sabrina Silverio

**Publicidade e Projetos Especiais:** Rafael Davini, Daniela Serafim e Leonardo Annibal

## Colaboradores

**Repórteres:** André Martins, Carla Zimmerman, Cássia Zanon, Daniel Salles, Ernesto Yoshida, Lilian Rambaldi, Luciano Manenti e Soraia Alves

**Fotografia:** Leandro Fonseca (editor) e Eduardo Frazão

**Revisão:** Raquel Siqueira Ramos e Silvana Marli de Souza Fernandes

[www.exame.com](http://www.exame.com)

**Redação e Correspondência:** Av. Presidente Juscelino Kubitschek, 1830, 3º andar, Itaim Bibi, CEP 04543-900, São Paulo, SP

**Publicidade São Paulo e informações sobre representantes de publicidade no Brasil e no exterior:** [publicidade@exame.com](mailto:publicidade@exame.com)

## IMPRESSA NA ESDEVA INDÚSTRIA GRÁFICA LTDA.

Av. Brasil, 1405, Poço Rico, CEP 36020-110,  
Juiz de Fora, MG

## FALE CONOSCO

Vendas corporativas, projetos especiais e vendas em lote:  
[publicidade@exame.com](mailto:publicidade@exame.com)

## ATENDIMENTO

SAC e venda de revistas para consumidores finais: [atendimento@exame.com](mailto:atendimento@exame.com)

**Atendimento telefônico (de 2ª a 6ª-feira, das 10 às 18 horas) e WhatsApp:** (11) 3003-9343

Para acessar sua revista digital:  
<https://exame.com/edicoes/>

## EXAME PARA EMPRESAS

[empresas@exame.com](mailto:empresas@exame.com)

## LICENCIAMENTO DE CONTEÚDO

Para adquirir os direitos de reprodução de textos e imagens, envie um e-mail para: [licenciamento@exame.com](mailto:licenciamento@exame.com)

## EDIÇÕES ANTERIORES

Venda exclusiva em banca pelo preço de capa da última edição publicada mais despesa de remessa. Solicite ao jornalista mais próximo.

## RELEASES

[releases@exame.com](mailto:releases@exame.com)

## CORRESPONDÊNCIA

**Comentários sobre o conteúdo editorial da EXAME, sugestões e críticas:**  
[redacao@exame.com](mailto:redacao@exame.com)

Cartas e mensagens devem trazer nome completo, endereço e telefone do autor. Por razões de espaço ou clareza, elas poderão ser publicadas de forma reduzida.

## PUBLICIDADE

**Anuncie na EXAME e fale com o público leitor mais qualificado do Brasil:**  
[publicidade@exame.com](mailto:publicidade@exame.com)  
(11) 91162-9770

## PROTEÇÃO DE DADOS (LGPD)

[meusdados@exame.com](mailto:meusdados@exame.com)





Reconstrução de casas no Rio Grande do Sul: depois de passar por uma tragédia climática em 2024, o estado se reconstrói de forma sustentável e atrai investimentos privados

## A NOVA FASE GAÚCHA

O Rio Grande do Sul vive um novo capítulo. Após uma década convivendo com o desafio fiscal — o que obrigou o governo a parcelar salários de servidores públicos —, o estado comemora um feito inimaginável há dez anos: a atração de 100 bilhões de reais de investimentos para terras gaúchas em 2024.

Entre gestores públicos locais, essa virada de chave exigiu também uma nova forma de pensar. Eles lembram que ficaram sem respostas imediatas quando o governador Eduardo Leite (PSD) pediu que trouxessem planos de investimentos. A contenção de gastos havia sido tão grande que a ideia de investimentos públicos causou estranheza no primeiro momento. Por sorte, essa sensação desvaneceu rapidamente, e o estado hoje tem um planejamento estratégico para alavancar a sua economia, tradicionalmente uma das mais pujantes do Brasil.

O plano é aliar capital público e, sobretudo, privado para dobrar a taxa média de crescimento econômico de 1,5% ao ano da última década para 3% ao ano e ampliar em 20% a produtividade. O desafio é significativo: as mudanças climáticas diminuem a produção no campo e trazem — como aconteceu em 2024, com as dramáticas enchentes — eventos climáticos extremos, cujos prejuízos são potencialmente imensos.

Para materializar o esforço, o governo organizou, com o apoio da Invest RS — Agência de Desenvolvimento do estado —, o plano em 12 setores estratégicos que busca desenvolver (veja na página 20). E a ideia é fazer isso ao mesmo tempo que se reconstrói um estado que foi

submerso — em alguns casos, literalmente — por causa de chuvas e eventos climáticos extremos. Nesse sentido, o plano é mais do que reconstruir; é criar sobre novas bases, tendo em conta a necessidade de resiliência climática que os dias de hoje requerem.

Nas páginas que seguem, a equipe da EXAME — maior publicação de negócios e economia do Brasil — se juntou ao governo do estado do Rio Grande do Sul para descortinar as oportunidades, mais e menos conhecidas, de investimentos na economia mais tradicional da Região Sul do Brasil.

São áreas em que os gaúchos já se destacam, como agronegócio, biocombustíveis, máquinas agrícolas e fertilizantes, e setores com enorme potencial e que apontam para o futuro da inovação no estado e no país, como hidrogênio verde, semicondutores e data centers. Não menos importante é o objetivo de alavancar o turismo. Dono de uma das culturas regionais, paisagens e destinos mais ricos do Brasil, o estado já atraiu bilhões de reais de grandes conglomerados hoteleiros globais e comemora a marca de mais de 1 milhão de turistas internacionais que visitaram suas terras de janeiro a maio de 2025.

As oportunidades neste país continental são muitas. Os desafios, também. O plano gaúcho serve de lembrete — e alento — para todo o Brasil de que é possível mudar o curso e as expectativas econômicas com ação estratégica do governo e união de esforços públicos e privados. Boa leitura! ●

**LUCIANO PÁDUA**

EDITOR DE MACROECONOMIA NA EXAME



# A RETOMADA





O Rio Grande do Sul saiu da pior crise de sua história para se tornar um dos estados mais competitivos do Brasil — e no meio do caminho enfrentou uma pandemia, sucessivas quebras de safra e a enchente que foi um dos piores desastres climáticos do país

LUCIANO MANENTI

**HAVIA MUITO TEMPO O RIO GRANDE DO SUL** não tinha um ambiente de negócios tão favorável para empresas e investidores. No ano passado, o volume de investimentos concluídos, anunciados ou em execução no estado chegou a 100 bilhões de reais, mais do que o dobro da média dos cinco anos anteriores, segundo o Investômetro, um acompanhamento feito pelo *Jornal do Comércio*, de Porto Alegre. Existe uma onda de inovação, com mais de 1.000 startups em operação. Trata-se de um berçário de empresas tecnológicas que em breve poderão brilhar ao lado de indústrias mais tradicionais, como as de ônibus, automóveis, máquinas agrícolas, autopeças, metalurgia, calçados e móveis — do tipo que por décadas fez a fama do Rio Grande do Sul como um importante polo econômico brasileiro.

De 2019 a 2025, os gaúchos passaram da 7ª para a 5ª posição no Ranking de Competitividade dos Estados, elaborado pela organização suprapartidária Centro de Liderança Pública (CLP) para avaliar a eficiência da gestão pública e a capacidade de impulsionar o desenvolvimento econômico e social com base em dez pilares, dos quais hoje o Rio Grande do Sul é líder em dois (Eficiência da Máquina Pública e Inovação) e 3º colocado no ranking de segurança pública, subindo (era o 5º em 2019).

As raízes desse bom momento estão no árduo esforço de ajuste fiscal e reforma do estado empreendido desde 2019 pelo

Parque Moacyr Scliar, às margens do Lago Guaíba: máquina pública mais eficiente recuperou a capacidade de investimento no estado

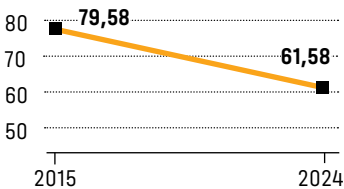
# GAÚCHA

## OS REMÉDIOS DO RS...

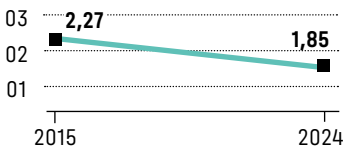
Desde 2019, o estado do Rio Grande do Sul passa por um forte ajuste para sanear as contas públicas e aumentar a eficiência

### Reformas estruturais reduziram os gastos correntes

Despesa com pessoal  
(em % da Receita Corrente Líquida do estado)



Dívida consolidada com o governo federal<sup>(1)</sup> (em %)



### Privatizações fortaleceram os cofres públicos

# 8,7

bilhões de reais foi o valor arrecadado com a privatização das empresas do grupo CEEE, CPFL Energia, Sulgás e Corsan

# 41,5

bilhões de reais é o total de investimentos previstos pelas empresas privatizadas durante o período de concessão

(1) Em relação à Receita Corrente Líquida do estado. **Fonte:** Governo do RS.

governo gaúcho. Gradativamente, o clima econômico passou de uma fase de declínio e desânimo para uma de crescente entusiasmo. “Quando assumi o governo, em 2019, era clara a necessidade urgente de uma reforma fiscal para o Rio Grande do Sul avançar”, diz o governador Eduardo Leite. “O desafio fiscal era muito agudo, com o maior déficit previdenciário *per capita* do Brasil e uma grande dívida com a União. Eu sabia que essa agenda deveria ser acelerada no primeiro ano, pois o capital político é finito. Como resultado, conseguimos colocar as contas em ordem e abrir espaço para investimentos.”

Resultado: depois de uma renhida crise financeira do poder público que contaminou o ambiente econômico regional durante boa parte da década passada, agora os gaúchos voltam a ostentar seu charme para atrair empresas e investidores. “O processo de reconstrução é longo, mas estamos avançando bastante”, diz Gabriel Souza, vice-governador gaúcho.

Até 2019, o Rio Grande do Sul era um caso clássico das mazelas causadas pela ineficiência e pelo inchaço da máquina. Os servidores conviveram com atrasos no pagamento de salários e do décimo terceiro por quase seis anos — agora eles recebem em dia desde novembro de 2020. As pensões e aposentadorias consumiam boa parte dos recursos públicos, e a Previdência caminhava aceleradamente para déficits insustentáveis.

As consequências desse tipo de situação são conhecidas. Causam graves problemas para a compe-

titividade. Com as contas estranguladas, faltava dinheiro para investir. No caso do RS, além da infraestrutura que evoluía, ela se tornava crescentemente obsoleta a cada ano. Pressionado pelas más condições financeiras, o governo fazia de tudo para aumentar a arrecadação, piorando as condições para as empresas.

O pior: tratava-se de um vício antigo — e por isso ainda mais difícil de erradicar. De 1971 a 2020, o normal para o governo do Rio Grande do Sul era ter gastos maiores do que as receitas. Nesse período, os anos positivos, com arrecadação superior aos gastos, foram raras exceções: aconteceu apenas sete vezes em quase meio século. De 2020 para cá, com a progressão das reformas, foram quatro anos consecutivos de superávit.

O ponto de partida para mudar as coisas foi uma reforma administrativa que reestrutu-



Gabriel Souza, vice-governador: as reformas do setor público trouxeram resultados rapidamente



# EXISTE UMA ONDA DE INOVAÇÃO NO ESTADO, COM MAIS DE 1.000 STARTUPS QUE EM BREVE PODERÃO BRILHAR AO LADO DAS INDÚSTRIAS TRADICIONAIS QUE FIZERAM A FAMA DO ESTADO COMO POLO ECONÔMICO



rou as carreiras. Foram extintas novas vantagens temporais, nas quais os servidores podiam ser promovidos por tempo de serviço — hoje a ascensão ocorre por mérito. Acabou-se também com a incorporação dos pagamentos por funções gratificadas ao salário dos servidores.

Como resultado, os gastos do governo do Rio Grande do Sul com a folha de pagamentos do pessoal ficaram sob controle. De 2019 a 2024, o crescimento desses gastos foi de apenas 18,7%, o menor entre todos os estados brasileiros (cuja média foi de 53,6% no período).

Outro ponto de ataque foi a Previdência Social, cujo rombo em 2020 era de 12 bilhões de reais — o maior déficit entre os 27 estados brasileiros. A primeira parte da reforma foi aprovada no mesmo ano para os servidores civis e composta de três pontos principais. Foi adotada uma alíquota progressiva de 7,5% até 22%, aumentando a contribuição dos servidores que ganham mais — antes, todos pagavam uma contribuição única de 14%. Houve também uma ampliação da base de cálculo: aposentados cujos salários são maiores do que um salário mínimo passaram a contribuir de forma semelhante aos servidores da ativa. O trabalho foi concluído com a extensão da reforma da Previdência aos integrantes da Brigada Militar — um tipo de medida raramente adotado nos governos estaduais brasileiros.

Os resultados apareceram rapidamente. Desde a reforma, o déficit anual da Previdência caiu

mais de 2 bilhões de reais, fechando 2024 em 9,8 bilhões de reais.

Com a lição de casa bem-feita, o governo gaúcho pôde aderir, em 2021, ao regime de recuperação fiscal, alongando o pagamento da dívida com a União, mas obrigando-se a cumprir uma série de exigências — entre as quais a imposição de um teto de gastos, limitando o crescimento das despesas do estado à inflação medida pelo IPCA.

O esforço de sanear as contas públicas envolveu também o principal programa de privatizações feito no país nos últimos anos. Foram arrecadados 8,7 bilhões de reais com a venda das empresas de energia — os braços de geração, transmissão e distribuição da CEEE e da CPFL —, a distribuidora de gás natural Sulgás e a concessionária de água e saneamento Corsan. Além de reforçar o caixa, esses negócios destravaram investimentos superiores a 45 bilhões de reais durante o período de concessão das empresas. “Como estatais, essas empresas não tinham mais capacidade para investir”, diz Artur Lemos, secretário-chefe da Casa Civil do Rio Grande do Sul. “Agora elas já estão aplicando recursos para ampliar e melhorar a qualidade dos serviços.”

Num primeiro momento, os problemas do estado deixaram de atrapalhar o ambiente de negócios. Já foi um belo avanço. O passo seguinte foi fazer com que as melhorias pelas quais o setor público estava passando trouxessem benefícios concretos para a sociedade.

Um dos exemplos veio na forma de uma redução dos tributos estaduais, que haviam sido majorados em 2015. As alíquotas de ICMS incidentes sobre combustíveis, energia e comunicações — insumos essenciais para a competitividade da produção — caíram de 30% para 25%. A alíquota modal também foi reduzida de 18% para 17% — e para 12% no caso das compras internas (ou seja, de produtos produzidos dentro do Rio Grande do Sul).

Outra frente de iniciativas para melhorar o ambiente de negócios foi a desburocratização. Logo nos primeiros meses do primeiro mandato, o governo de Leite lançou o programa Descomplica RS. Foi criado também o Conselho Estadual de Desburocratização e Empreendedorismo (Cede), formado por sete representantes do governo e sete da sociedade civil. O objetivo: analisar decretos e normas estaduais promulgados entre 1988 e 2019 — e eliminar normas anacrônicas e desnecessárias para o funcionamento das empresas. Dos 21.000 decretos e normas analisados, 19.000 foram revogados. “A eliminação dessa burocracia desnecessária aumentou a eficiência do setor público e a segurança jurídica dos empreendedores, que antes podiam ter dúvidas sobre quais normas efetivamente precisavam seguir no dia a dia dos seus negócios”, diz o secretário Artur Lemos.

Houve ganhos também na aceleração da abertura de empresas. “Hoje é possível abrir uma empresa

no Rio Grande do Sul em apenas 10 minutos, pela internet”, diz a secretária de Planejamento, Governança e Gestão do estado, Danielle Calazans. A desburocratização e a simplificação estão ajudando a impulsionar os negócios no Rio Grande do Sul. Segundo os dados da Junta Comercial local, em 2024 foram abertos 21.745 negócios, um salto de 9,3% sobre 2023 — o maior aumento desde quando esses dados começaram a ser agregados.

Talvez o marco mais significativo na trajetória de recuperação do Rio Grande do Sul tenha sido a retomada da capacidade de investimento. De 2015 a 2020, na fase mais aguda da crise, os investimentos do estado limitaram-se à faixa de 2% a 5% da Receita Corrente Líquida. À medida que as reformas foram surtindo efeito, esse percentual foi aumentando, chegando a 10,7% em 2024 — o equivalente a 6,4 bilhões de reais, beneficiando projetos nas áreas de logística, transporte, educação, justiça e saúde.

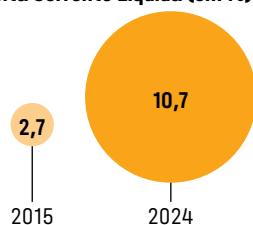
Os investimentos privados também desabrocharam. A atração de empresas e novos negócios passou a ser feita ativamente. Com apoio da consultoria McKinsey, foi criado o Plano de Desenvolvimento Econômico, Inclusivo e Sustentável, com metas bastante ousadas: dobrar a taxa de crescimento anual do PIB e aumentar a produtividade estadual em 20%. O braço operacional do plano é a Invest RS, uma agência de desenvolvimento

# O RS VOLTOU A ATRAIR EMPRESAS E INVESTIDORES E AGORA TEM METAS OUSADAS: DOBRAR A TAXA DE CRESCIMENTO DO PIB E AUMENTAR A PRODUTIVIDADE DO ESTADO EM 20%

## ... E OS RESULTADOS DO TRATAMENTO

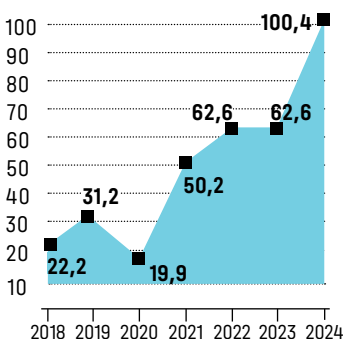
Com a máquina pública mais enxuta e eficiente, o estado recuperou a capacidade de investimento em áreas como saúde, educação e infraestrutura

Investimento em relação à Receita Corrente Líquida (em %)



Mais competitivo, o RS voltou a atrair investimentos privados

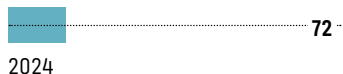
Investimentos<sup>(1)</sup> (em bilhões de reais)



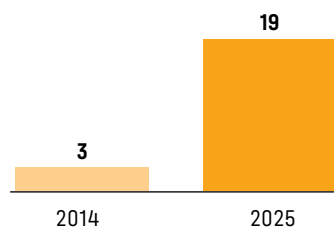
O estado retomou a capacidade de investir em ciência, tecnologia e inovação

Investimentos em Ciência, Tecnologia & Inovação (em milhões de reais)

Média 2014-2023

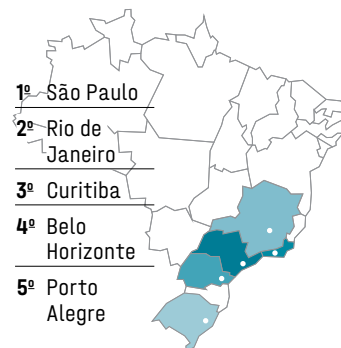


Número de parques tecnológicos no RS



RS se tornou referência em inovação

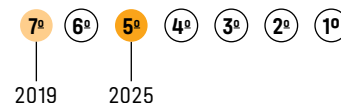
Ranking de cidades brasileiras com os ecossistemas de inovação para startups



Fonte: Global Startup Ecosystem Index 2025.

A competitividade cresceu

Posição do RS no ranking de competitividade dos estados



Pilares de maior destaque do RS no ranking

**Inovação**

1ª lugar de 2023 a 2025

**Eficiência da Máquina Pública**

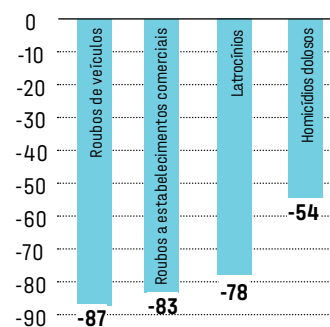
1ª lugar de 2023 a 2025

**Segurança Pública**

3ª lugar em 2025

A segurança pública está entre os destaques

(queda percentual de registros de 2017 a 2024)



(1) Anunciados, concluídos ou em execução por ano.

Fontes: Governo RS, Investômetro/Jornal do Comércio, Ranking de Competitividade dos Estados (CLP), Polícia Civil do RS e Anuário Brasileiro de Segurança Pública.





Instituto Caldeira, em Porto Alegre: hub de inovação se uniu neste ano à Invest RS em uma iniciativa para identificar empresas com potencial de investir no estado, promover missões internacionais e organizar rodadas de negócio

criada para atuar em cooperação com o poder público e a sociedade civil para atrair novos investimentos — o que incluiu a abertura de um escritório em São Paulo para facilitar o contato com investidores e empresas de fora do Rio Grande do Sul. “A existência da Invest RS é fruto de todo o ajuste realizado”, diz Rafael Prikladnicki, presidente da agência. “Sem recuperar a qualidade da gestão pública nem a capacidade de investimento, não conseguiríamos fazer o nosso trabalho.” Hoje a carteira de projetos da agência já soma 6 bilhões de reais, com potencial para gerar quase 5.820 empregos.

Uma das áreas cujos resultados são bastante expressivos é a da segurança pública. O Rio Grande do Sul fechou 2024 com os melhores indicadores da história nessa área. Segundo os dados da Secretaria de Segurança Pública, de 2017 até o ano passado houve quedas significativas nos roubos de veículos (-87%), de estabelecimentos comerciais (-83%), de pedestres (-78%) e de residências (-71%). Caíram também os latrocínios (-78%) e os homicídios dolosos (-54%). “O Rio Grande do Sul passou de um dos estados com os piores indicadores de criminalidade do país para um dos mais seguros”, afirma a secretária Danielle Calazans.

Boa parte da melhoria nos indicadores pode ser atribuída aos investimentos em tecnologia e gestão, que resultaram no programa RS Seguro. Trata-se de um modelo pelo qual as forças de segurança acompanham os indicadores de criminalidade nas principais regiões estaduais. Isso ajuda a identificar as áreas nas quais ocorre redução da criminalidade — sinalizando boas práticas que podem ser disseminadas — e aquelas em que surgem problemas de segurança (levando a uma ação mais imediata para conter o crime). “Mensalmente, os resultados desse monitoramento são discutidos pelo governador do estado, por representantes do Judiciário e do Ministério Público e pelo alto comando das forças de segurança”, diz a secretária Danielle Calazans.

Um dos aspectos mais impressionantes dessa mudança é que os resultados do esforço iniciado em 2019 surgiram num período dos mais complicados da história. Em 2020, veio a pandemia de covid-19.

Quatro das últimas cinco safras gaúchas foram prejudicadas pela estiagem, comprometendo os resultados do forte setor agropecuário gaúcho. E em maio de 2024 ocorreram as enxurradas no Rio Grande do Sul, umas maiores tragédias climáticas brasileiras, que deixou como saldo 185 mortos, 23 desaparecidos, 806 feridos e quase 90 bilhões de reais em danos, perdas e custos adicionais. Segundo os dados do Departamento de Economia e Estatística do Rio Grande do Sul (DEE-RS), o PIB do estado, que começou o ano em alta, caiu sucessivamente no 2º e no 3º trimestre — mas ainda assim o ano fechou com crescimento de 4,9%, superando a média nacional. A força do estado foi fundamental para essa recuperação.

As transformações recentes no Rio Grande do Sul podem trazer algum alento para os brasileiros. Os problemas que afligiram o ambiente de negócios do estado não são diferentes, guardadas as proporções, dos que afligem o país — excesso de burocracia, um poder público com pouca qualidade de gestão e capacidade de investimentos, resistência às reformas e instabilidade política. A boa notícia é que dá para resolvê-los. Os resultados começam a surgir de forma relativamente rápida. Basta ter persistência para avançar com a agenda de reformas. ●

# EDUARDO LEITE

## DEVER DE CASA FEITO – E OLHAR PARA O FUTURO

ANDRÉ MARTINS

FOTO: LEANDRO FONSECA

Quando assumiu o governo do Rio Grande do Sul, em 2019, Eduardo Leite (PSD) tinha um enorme desafio fiscal: maior déficit previdenciário *per capita* do Brasil e uma grande dívida com a União. Nesse cenário, o estado não conseguia pagar salários nem realizar novos investimentos. O remédio, amargo em um primeiro momento, foi reformar o estado. “Isso exigia uma agenda de ajuste fiscal, incluindo reformas estruturantes, como a reforma administrativa e a reforma da Previdência”, diz. Com uma pandemia e o pior evento climático da história do

estado no meio do caminho, a tarefa do governador ganhou novos contornos. Mas o planejamento se manteve. O resultado é visto hoje, com o governo retomando a sua capacidade de investimento e atraindo capital privado para grandes obras de infraestrutura. São mais de 20 bilhões de reais públicos e uma carteira de concessões que chega a 46 bilhões de reais. “A máquina pública

agora é mais eficiente e capaz de entregar resultados”, afirma. Hoje, o olhar para o futuro de Leite coloca na agenda do estado a atração de empresas de inovação e tecnologia, cuja estratégia de captação é um dos eixos de atuação do Plano de Desenvolvimento Econômico, Inclusivo e Sustentável, apresentado em 2024, além de incluir o estado na rota do hidrogênio verde, sem esquecer a resiliência climática, eixo que norteia o Plano Rio Grande. “Se o estado continuar seguindo esse caminho de responsabilidade fiscal, inovação e desenvolvimento, terá grandes oportunidades de se destacar economicamente nos próximos anos.”

**Governador, como o Rio Grande do Sul chegou ao atual patamar de investimento?**

O estado enfrentava uma crise fiscal bastante grave, com dificuldades para pagar salários e realizar investimentos. Isso exigia uma agenda de





Eduardo Leite, governador do Rio Grande do Sul: estado fez reformas estruturantes que permitiram voltar a investir e aumentaram a atração do setor privado

Após “lição de casa” com reformas, Eduardo Leite vê o Rio Grande do Sul pronto para receber ainda mais investimentos, com foco na resiliência e inovação

ajuste fiscal, incluindo reformas estruturantes, como a reforma administrativa e a reforma da Previdência, para recuperar a capacidade de investimentos. Esse processo tomou parte significativa do meu primeiro mandato. Além disso, tivemos de lidar com a pandemia, o que também foi um desafio. Mas conseguimos implementar a agenda de reformas e, como resultado, conseguimos reduzir nosso comprometimento com a folha de pagamento de 80% para 60% da receita corrente, e conseguimos aumentar a capacidade de investimento do Estado de 2% da Receita Corrente Líquida para quase 11% no ano passado. Essa virada de jogo também teve como consequência a redução de impostos, o que viabilizou a recuperação da capacidade de investimento próprio. Mas o jogo continua e precisamos manter essa trajetória.

**E, no que diz respeito a essa virada no planejamento fiscal, como o senhor percebeu que estava no caminho certo?**

Acredito que, para o Rio Grande do Sul avançar, a reforma fiscal tinha de ser feita com urgência. O desafio fiscal era muito agudo, com o maior déficit previdenciário *per capita* do Brasil e uma grande dívida com a União. Quando comecei o governo, em 2019, sabia que essa agenda deveria ser acelerada no primeiro ano, pois o capital político é finito. Como resultado, conseguimos colocar as contas em ordem e abrir espaço para investimentos. O eleitor percebeu o avanço, e



**A agenda fiscal tinha de ser acelerada no primeiro ano. Conseguimos colocar as contas em ordem e abrir espaço para investimentos**

isso foi decisivo para minha reeleição, porque ele viu os resultados das mudanças implementadas.

**O senhor mencionou privatizações e concessões. O que o senhor pode destacar sobre essas iniciativas?**

Em relação às privatizações e concessões, já temos uma carteira de 46 bi-

lhões de reais de investimentos contratados. Estamos implementando o bloco 1 de concessões rodoviárias, que inclui a região metropolitana e a Serra Gaúcha, com investimentos de 26 bilhões de reais. A privatização da Companhia Riograndense de Saneamento [Corsan] foi outro marco, pois





Palácio Piratini, sede do governo gaúcho: aposta está em PPPs e concessões para avançar na infraestrutura do estado

FELIPE DALLA VALLE

aumentou os investimentos anuais no setor, quase quadruplicando-os. Além disso, avançamos de 16% de coleta e tratamento de esgoto no início do governo para 28% no estado, com a meta de ultrapassar 90%. Isso não só traz benefícios ambientais e sanitários, mas também desbloqueia novos investimentos.

**O senhor mencionou também a infraestrutura rodoviária. Como isso impacta o desenvolvimento do estado?**

A qualificação da infraestrutura rodoviária e o investi-

mento no Porto de Rio Grande são fundamentais para a competitividade do estado. No caso do porto, por exemplo, antes os recursos arrecadados com tarifas portuárias eram usados para cobrir outras despesas, como salários. Agora eles são integralmente reinvestidos em melhorias do porto, como dragagem e infraestrutura. Isso garante a operação portuária adequada e o escoamento da produção. Esse tipo de investimento na infraestrutura cria um ambiente mais favorável à segurança, ao emprego e ao desenvolvimento econômico.

### **Como os eventos climáticos, como as enchentes, impactaram o planejamento do governo e as políticas públicas?**

Quando assumi, o foco era a crise fiscal, mas os eventos climáticos se tornaram uma prioridade à medida que os desastres aumentaram. A experiência das enchentes reforçou a importância de termos uma agenda de resiliência, não apenas de reconstrução, mas de adaptação. A capacidade de suportar novos eventos climáticos e a preparação para enfrentá-los se tornaram essenciais no nosso planejamento. Esses eventos colocaram a resiliência como um eixo importante no nosso plano de governo.

### **Quais investimentos estão sendo feitos para tornar o Rio Grande do Sul um polo de tecnologia e inovação?**

O Rio Grande do Sul tem se destacado, principalmente em tecnologia e inovação. Recentemente, tivemos o anúncio de um grande projeto em Gravataí, na região metropolitana, com um investimento de 400 milhões de reais, que visa criar um instituto de tecnologia de referência para a América Latina [*o Instituto de Tecnologia e Computação (Itec)*]. Além disso, estamos apostando em novos projetos, como o hidrogênio verde, área em que estamos investindo 100 milhões de reais para atrair novas plantas de produção de hidrogênio. A infraestrutura qualificada e a proximidade com o Mercosul são fatores que ajudam a tornar o estado um polo atraente para investidores desse setor.

### **O que diferencia o Rio Grande do Sul de outros estados do Sul do Brasil?**

Nossa posição é estratégica, no centro do Mercosul. A proximidade com a Argentina e o Uruguai é um grande diferencial, especialmente para investidores estrangeiros que buscam entrar no mercado sul-americano. Além disso, a qualificação da nossa mão de obra e a nossa infraestrutura consolidada são pontos fortes. Estamos



FELIPE DALLA VALLE

Governador Eduardo Leite em visita a área atingida por enchente: estado sofreu a pior tragédia climática de sua história em 2024

A experiência das enchentes reforçou a importância de termos uma agenda de resiliência, não apenas de reconstrução





também oferecendo incentivos tributários para estimular o crescimento econômico, além de apostar em novas tecnologias, como o hidrogênio verde, para diversificar a economia do estado.

**Quais países estão mostrando interesse em investir no Rio Grande do Sul?**

Temos atraído atenção de várias partes do mundo, principalmente pela proximidade com o Mercosul. A China, por exemplo, tem demonstrado interesse, já que estamos em uma posição estratégica para atender tanto ao mercado brasileiro quanto ao argentino. No ano passado, tivemos um grande investimento de uma empresa chilena no estado, que anunciou a maior planta de celulose da história do Rio Grande do Sul, no valor de 25 bilhões de reais. Além disso, o ano passado foi o de maior volume de investimentos já anunciado, com 100 bilhões de reais em novos projetos.

**Como o estado lida com os desafios econômicos globais e as tarifas dos Estados Unidos sobre os produtos brasileiros?**

O estado mapeou as empresas com maior dependência das exportações para os Estados Unidos e estamos dando atenção especial a elas, principalmente no setor calçadista. Também estamos trabalhando para mitigar o impacto de possíveis mudanças nas relações comerciais internacionais. Estamos criando canais facilitados de crédito e também possibilitando a transferên-

Atraímos a atenção de investidores de várias partes do mundo, como da China, principalmente pela proximidade com o Mercosul

cia de créditos acumulados na cadeia produtiva para injetar recursos nas empresas. Essas medidas são paliativas, mas ajudam as empresas a atravessarem momentos de maior incerteza.

**Quais são os próximos grandes projetos para o Rio Grande do Sul, especialmente na infraestrutura?**

Temos vários projetos de investimentos em infraestrutura que já estão contratados, como as concessões rodoviárias e de saneamento. A Corsan, por exemplo, vai continuar expandindo a rede de esgoto e o abastecimento de água. Também estamos estruturando concessões de saneamento em municípios que ainda não são atendidos pela Corsan. Além disso, temos concessões previstas para a área de saúde e educação, com investimentos de 1 bilhão de reais na infraestrutura escolar e 800 milhões de reais para um hospital na região metropolitana.

**Quais são os desafios que o senhor vê para o próximo governo?**

O maior desafio é manter a responsabilidade fiscal, já que ela foi conquistada com muito esforço. O déficit previdenciário ainda é grande, assim como a dívida com a União. Além disso, temos um estoque de precatórios de 16 bilhões de reais, que estamos pagando. O futuro governo precisará continuar com foco na disciplina fiscal, nas parcerias público-privadas e na manutenção da educação de qualidade, com o objetivo de formar mão de obra qualificada.

**E, olhando para o futuro do Rio Grande do Sul, como o senhor vê o estado nos próximos 20 anos?**

Tenho confiança de que o Rio Grande do Sul continuará colhendo os frutos dos avanços que fizemos. A máquina pública agora é mais eficiente e capaz de entregar resultados. Se o estado continuar seguindo esse caminho de responsabilidade fiscal, inovação e desenvolvimento, terá grandes oportunidades de se destacar economicamente nos próximos anos. O Plano de Desenvolvimento Econômico, Inclusivo e Sustentável está traçando a nossa trajetória de crescimento para o futuro. ●

# MAPA DE OPORTUNIDADES

Com um plano estratégico que mira crescimento de 3% ao ano até 2030, o Rio Grande do Sul oferece segurança jurídica e tradição produtiva combinada com capacidade de inovação

ERNESTO YOSHIDA

## POUCOS LUGARES NO BRASIL

**CONSEGUEM REUNIR**, ao mesmo tempo, tradição produtiva, infraestrutura consolidada e uma estratégia clara de desenvolvimento. O Rio Grande do Sul vem se posicionando justamente nesse ponto de convergência, atraindo a atenção de investidores que buscam mais do que oportunidades passageiras. Em um cenário global de disputas por investimentos e relocação de cadeias produtivas, o estado gaúcho oferece algo precioso: um planejamento estratégico que identificou setores com real potencial de crescimento, com base em vantagens competitivas estruturais, e não apenas em incentivos fiscais temporários. Essa posição estratégica não é resultado do acaso. O estado estruturou uma agenda de longo prazo que combina vocações históricas — como o agronegócio, a indústria metalmeccânica e o setor de máquinas agrícolas — com novas frentes que refletem transformações globais, a exemplo da transição energética, dos semicondutores e da economia digital. O resultado é um mapeamento de 12 setores estratégicos, fruto de um trabalho conduzido com apoio da consultoria McKinsey e ampla participação de lideranças do setor público e privado. O estudo projeta um crescimento real do PIB do estado de até 3% ao ano até 2030, quase o dobro da média histórica de 1,6% ao ano registrada entre 2002 e 2021.

“O Rio Grande do Sul tem uma característica única no Brasil: consegue combinar tradição industrial com capacidade de inovação”, afirma Ernani Polo, secretário de Desenvolvimento Econômico. Segundo ele, o diferencial gaúcho está na capacidade de transformar vocações históricas em vantagens competitivas para o futuro. “Não se trata apenas de defender o que já existe, mas de usar essa base sólida como trampolim para setores de maior valor agregado.”

## ECONOMIA EM CAMADAS

O estado criou um sistema de “economia em camadas” que categoriza investimentos em quatro horizontes distintos: sustentação, ascensão, inovação e manutenção. Na economia de sustentação estão os setores que já movimentam bilhões e têm demanda global consolidada — cadeia agropecuária, silvicultura, papel e celulose, fertilizantes e petroquímica. Eles representam a base sólida que permite ao estado sustentar investimentos em áreas mais arriscadas, mas de maior valor agregado.

O segundo estrato, a economia em ascensão, abriga setores com potencial de sofisticação da matriz produtiva: máquinas e equipamentos, automotivo, máquinas agrícolas e turismo. É o caso da indústria automotiva, que pode evoluir dos veículos convencionais para os elétricos, ou do setor de máquinas agrícolas, que se moderniza com automação e inteligência artificial.

Na ponta mais sofisticada está a economia de inovação, que mira produtos alinhados com macrotendências globais. O hidrogênio verde surge como uma das principais apostas, aproveitando a matriz energética limpa do estado (82% renovável) e a forte vocação para tecnologia (18 parques científicos e tecnológicos espalhados pelo estado). Rafael Prikladnicki, presidente da Invest RS, relata que a transição energética tem despertado interesse internacional. “Estive recentemente nos Estados Unidos visitando uma empresa que anunciou interesse em investir no Rio Grande do Sul para produzir óleo de baixo carbono, insumo para combustível de aviação. Eles viram no estado tudo de que precisam na natureza”, diz Prikladnicki. “O estado tem respirado futuro, não mais passado.”

Uma das alavancas para isso tem sido, no âmbito local, ser pioneiro em criar

## AS VOCAÇÕES REGIONAIS DO ESTADO

### SETORES

**1 Cadeia agropecuária**  
Campanha, Fronteira Oeste, Missões, Planalto Médio, Noroeste

**2 Automotivo e cadeia**  
Região Metropolitana (Gravataí, Canoas, Porto Alegre), Serra (Caxias do Sul)

**3 Produtos de transição energética**  
Litoral Norte, Campanha, Fronteira Oeste

**4 Máquinas agrícolas**  
Serra (Caxias do Sul, Bento Gonçalves), Noroeste, Passo Fundo

**5 Cadeia petroquímica**  
Região Metropolitana (Triunfo, Canoas)

Uruguiana ●

**6 Produtos regionais de nicho**  
Serra (vinhos e espumantes — Bento Gonçalves, Garibaldi, Flores da Cunha), Campanha (azeite de oliva), Missões (ervamate), Vale do Taquari (noz-pecã)

**7 Produtos e serviços digitais**  
Porto Alegre, Região Metropolitana, Santa Maria, Pelotas

**8 Saúde**  
Porto Alegre, Caxias do Sul

**9 Máquinas, equipamentos e semicondutores**  
Serra (polo metalmeccânico), Região Metropolitana (eletrônicos e semicondutores — Porto Alegre e São Leopoldo)

O Plano de Desenvolvimento Econômico, Inclusivo e Sustentável do Rio Grande do Sul definiu **12 setores estratégicos** com maior potencial para gerar emprego, renda e inovação nos próximos anos. Esses setores estão distribuídos pelas diferentes regiões do estado, refletindo as vocações locais — da pecuária e vitivinicultura na Campanha ao polo automotivo e metalmeccânico na Serra, do turismo no Litoral e Missões ao avanço em tecnologia digital e saúde na Região Metropolitana

#### LEGENDAS:

|  |                    |  |                     |  |               |
|--|--------------------|--|---------------------|--|---------------|
|  | Agropecuária       |  | Petroquímica        |  | Fertilizantes |
|  | Automotivo         |  | Produtos regionais  |  | Silvicultura  |
|  | Energia solar      |  | Produtos digitais   |  | Turismo       |
|  | Energia eólica     |  | Saúde               |  | Cidades       |
|  | Máquinas agrícolas |  | Polo metalmeccânico |  | Capital       |
|  |                    |  | Eletrônicos         |  | BR-116        |





marcos regulatórios que antecipam tendências nacionais. Artur Lemos, secretário-chefe da Casa Civil, cita o exemplo do biometano. “Quando a Agência Nacional de Petróleo [ANP] nem sequer tinha os regramentos e estava incipiente na discussão, o Rio Grande do Sul avançou na instituição de regramento por meio de legislação, proporcionando aos empreendedores estabilidade, segurança e regras jurídicas claras para investir”, diz Lemos. O resultado prático veio neste ano, com a entrada em operação de uma usina de biometano a partir de um aterro sanitário em Minas do Leão, a 90 quilômetros de Porto Alegre.

### AMBIENTE DE NEGÓCIOS TRANSFORMADO

Um dado ilustra a resiliência gaúcha: mesmo enfrentando a maior catástrofe climática de sua história com as enchentes de 2024, o Rio Grande do Sul conseguiu atrair mais de 100 bilhões de reais em investimentos privados anunciados no ano passado — um recorde histórico. O destaque foi o projeto da chilena de celulose CMPC, que deverá chegar a 27 bilhões de reais em uma nova indústria de celulose — incluindo a fábrica, um terminal portuário em Rio Grande e a ampliação da base florestal. “Se considerarmos um investimento único, esse é o maior da história do Rio Grande do Sul”, resalta Ernani Polo.

Uma das vantagens competitivas do Rio Grande do Sul, apontam as autoridades, está na transformação do ambiente de negócios. O estado implementou uma agenda de desburocratização que mudou radicalmente prazos e processos. No licenciamento ambiental, área historicamente problemática, os resultados foram expressivos: redução de mais de 300 dias para em média 30 a 45 dias, com regramentos claros para projetos eólicos e licenças para projetos de hidrogênio verde. Lemos observa que a filosofia por trás das mudanças é clara: “Sem desenvolvimento não há proteção ambiental; é preciso desenvolver para proteger”.

A governança da desburocratização envolve instrumentos específicos, como o Comitê de Boas Práticas Tributárias, que trouxe o setor privado para propor melhorias; o Conselho Estadual de Desburocratização e Empreendedorismo, que resultou na definição de mais de 700 atividades que podem obter alvará dos bombeiros, licenciamento ambiental ou constituição de empresa em menos de um dia; e o Conselho do Plano Rio Grande, criado após as enchentes para identificar melhorias sistêmicas.

O plano gaúcho apresenta uma leitura realista dos desafios estruturais. O estado reconhece limitações históricas, como o iminente decréscimo populacional, com emigração líquida de 700.000 pessoas nos últimos 20 anos, e infraestrutura logística ainda concentrada no modal ro-

## ONDE INVESTIR

Os 12 setores estratégicos priorizados pelo Plano de Desenvolvimento do Rio Grande do Sul

- 1 CADEIA AGROPECUÁRIA** Grãos, carnes, leite e alimentos processados premium com rastreabilidade
- 2 SILVICULTURA, PAPEL E CELULOSE** Base florestal para biomateriais, bioquímicos e madeira engenheirada
- 3 PRODUTOS DE TRANSIÇÃO ENERGÉTICA** Biodiesel, energias renováveis, biogás e hidrogênio verde
- 4 FERTILIZANTES** Fertilizantes enriquecidos, fertilizantes verdes e biofertilizantes
- 5 CADEIA PETROQUÍMICA** Resinas convencionais evoluindo para polímeros reciclados e bioplásticos
- 6 MÁQUINAS AGRÍCOLAS** Equipamentos automatizados com IA para agricultura de precisão
- 7 AUTOMOTIVO E CADEIA** Veículos elétricos, sistemas eletrônicos e peças de alta tecnologia
- 8 MÁQUINAS, EQUIPAMENTOS E SEMICONDUTORES** Robôs industriais, manufatura aditiva e chips
- 9 TURISMO** Experiências premium e turismo digital na Serra Gaúcha e em outras regiões
- 10 SAÚDE** Equipamentos de diagnóstico, dispositivos de precisão e terapias avançadas
- 11 PRODUTOS REGIONAIS DE NICHU** Vinhos, azeites e alimentos gourmet com identidade gaúcha
- 12 PRODUTOS E SERVIÇOS DIGITAIS** Desenvolvimento de software, data centers e inteligência artificial



MAURÍCIO TONETTO/SECOM

Apresentação do Plano de Desenvolvimento Econômico, Inclusivo e Sustentável: documento traz diagnóstico completo do RS e estratégias para alavancar o PIB gaúcho

doviário (88% do transporte). Em contrapartida, identifica fortalezas como a primeira posição nacional em inovação, com maior densidade de parques tecnológicos por habitante, e uma base educacional sólida. O secretário Ernani Polo reconhece que o timing da implementação é complexo. “Esse plano está sendo executado em um momento bem desafiador, porque o Rio Grande do Sul está perdendo o bônus demográfico”, diz. Para compensar essa limitação demográfica, o governo aposta no aumento da produtividade por meio de investimentos estratégicos em educação, especialmente na expansão de escolas de tempo integral.

Para atingir o crescimento projetado de 3% ao ano, o estado precisará elevar a participação da produtividade no crescimento anual do PIB em 12 vezes em relação ao histórico recente. Parece ambicioso, mas o estudo demonstra que países com economia comparável — Uruguai, Polônia e Romênia — alcançaram crescimento similar em períodos equivalentes. A diferença está na concentração de esforços: em vez de dispersar recursos, o Rio Grande do Sul aposta na especialização inteligente. A criação da Invest RS, em 2024, representou um marco na profissionalização da atração de investimentos. A agência já mapeou 75 projetos prioritários, no valor total de 47 bilhões de reais, para o primeiro ciclo de atuação. Ela oferece ferramentas práticas como uma cartilha unificada de incentivos e o painel “RS em Dados”, que centraliza mais de 150 indicadores econômicos e logísticos para facilitar a tomada de decisão dos investidores. Para ampliar sua penetração, a Invest RS abriu recentemente um escritório em São Paulo (veja mais na página 24).

Além da estrutura técnica e do ambiente desburocratizado, o estado mantém programas consolidados de incentivos fiscais que complementam a estratégia de atração de investimentos. O Fundo Operação Empresa do Estado do Rio Grande do Sul (Fundopem), gerido pela Secretaria de Desenvolvimento Econômico, é um dos principais instrumentos dessa política. O programa permite que empresas que se instalam no estado utilizem o ICMS gerado em suas operações para abater investimentos realizados, criando um mecanismo de financiamento que torna os projetos mais atraentes. Em síntese, o Rio Grande do Sul busca oferecer algo de grande valor para investidores: previsibilidade estratégica combinada com flexibilidade operacional. O estado não promete milagres, mas apresenta um roteiro técnico que identificou onde estão as melhores oportunidades de retorno, considerando não apenas o potencial de crescimento, mas também a capacidade de execução. Em um país historicamente marcado por mudanças bruscas de direção política e econômica, essa consistência metodológica pode se tornar um ativo valioso.

O sucesso da estratégia gaúcha dependerá da capacidade de transformar diagnósticos em resultados concretos. Mas o estado apresenta uma das propostas mais estruturadas do país para navegar as transformações econômicas globais sem abrir mão de suas vocações regionais. Como enfatiza Prikladnicki, da Invest RS: “O que estamos colocando em prática é um plano de estado, não de governo. Não vai terminar com a atual gestão — é um plano para o Rio Grande do Sul”. ●



# VITRINE DE



MAURICIO TONETTO/SECOM

Abertura da Invest RS na Faria Lima: iniciativa deve fortalecer setores estratégicos, como biocombustíveis e tecnologia



# NEGÓCIOS



**Abertura de escritório na Faria Lima impulsiona investimentos e acelera projetos em setores estratégicos para o crescimento da economia gaúcha**

**CARLA ZIMMERMAN**

**EDUARDO LOREA, VICE-PRESIDENTE DA INVEST RS**, a agência de desenvolvimento do estado do Rio Grande do Sul, está à frente do escritório da agência em São Paulo, inaugurado em julho. Nas últimas semanas, diz, perdeu a conta de quantas reuniões participou. A agenda tem sido intensa. Os encontros incluem desde lideranças empresariais e gestores de fundos de investimento a câmaras de comércio e representações diplomáticas de diversos países. Em média, são 20 reuniões por semana — sem contar os eventos que o braço paulista da agência promove em sua sede, localizada a poucos metros da Faria Lima, o coração financeiro do Brasil, para falar sobre oportunidades de negócios em áreas como energias renováveis, biocombustíveis e inovação industrial. A participação do governador Eduardo Leite (PSD) nesses encontros tem reforçado a importância da capital paulista — centro financeiro do Brasil — na agenda de atração de investimentos do estado. As empresas que passam ali buscam se juntar a outros grandes nomes que já investem em terras gaúchas, como Coca-Cola, General Motors e Epic Games.

Não é difícil entender o interesse pela vitrine paulista da Invest RS, inaugurada em junho. Com um dos maiores PIBs do país, estimado em 706,8 bilhões de reais em 2024, ou 6% do PIB brasileiro, o Rio Grande do Sul tem se destacado em diversas frentes. Só em relação a semicondutores, o estado concentra 40% das indústrias brasileiras. A indústria local de eletroeletrônicos também segue firme e forte — no ano passado, movimentou cerca de 16 bilhões de reais, segundo a Associação Brasileira da Indústria Elétrica e Eletrônica. Da fabricação de automóveis à produção de energia, o potencial de geração de novos negócios é imenso. Segun-

do um estudo da consultoria McKinsey, pode chegar a cerca de 67 bilhões de reais em 2030. O braço paulista da Invest RS tem a missão de pavimentar o caminho pelo qual deve passar boa parte desses recursos, funcionando como ponte entre empresas, investidores e o governo do Rio Grande do Sul. “São Paulo é o centro econômico e financeiro da América Latina, por isso nossa presença na capital paulista é fundamental”, diz Rafael Prikladnicki, presidente da Invest RS.

A nova sede foi projetada para acelerar o avanço industrial e tecnológico no estado, além de trazer soluções fundamentadas em sustentabilidade. Esse tripé, esperam os autores do plano, deve posicionar o Rio Grande do Sul como protagonista da inovação e do crescimento econômico no país. “Trata-se de um plano de estado, com uma visão de longo prazo, implementado com o objetivo de firmar os alicerces para o desenvolvimento de setores estratégicos”, analisa Lorea, chefe do escritório paulista. “A iniciativa vai impulsionar a criação de empregos, a qualificação de mão de obra e o aumento

da renda.” Desde a abertura do escritório na capital paulista, dois acordos de peso foram firmados. Um deles envolve a Tellescom Semicondutores, grupo com sede em São Paulo que anunciou investimentos de cerca de 1 bilhão de reais para a instalação de uma fábrica em Cachoeirinha. O município da região metropolitana de Porto Alegre, que vem se estabelecendo como um hub de inovação e tecnologia, também receberá um avançado centro de P&D da Chipus Eletrônica avaliado em 300 milhões de reais. Não por acaso, os projetos se inserem em segmentos-chave para fomentar a inovação no Estado e representam pontos focais para a atração de investimentos em São Paulo, em uma série de setores que vão de maquinário a turismo e agronegócio. “Em todos esses mercados, muitas vezes as decisões de investimento são tomadas na Faria Lima. Por isso, trabalhamos com uma taxa ambiciosa de conversão de novos negócios”, diz Lorea.

Ao mesmo tempo, os resultados positivos no estado vêm motivando empresas como a Coca-Cola a turbinar os investimentos locais. “O Rio Grande do Sul é estratégico para a nossa operação e temos um grande compromisso com o estado”, diz Mario Cesar Schafaschek, diretor de supply chain da Coca-Cola FEMSA Brasil. A empresa já destinou 675 milhões de reais para a retomada das atividades da fábrica de Porto Alegre, afetada pelas enchentes do ano passado. Outros 211 milhões de reais, que fazem parte do plano de investimento para os próximos cinco anos no Rio Grande do Sul, deverão ser direcionados a diversas frentes, como sustentabilidade, melhoria da malha de distribuição e eficiência energética. O plano gaúcho também inclui a ampliação da capacidade produtiva. Como parte desse objetivo, a empresa adquiriu recentemente

te uma unidade fabril em Antônio Prado, na Serra Gaúcha, com investimento de 380 milhões de reais. A planta será direcionada à produção da água mineral Crystal. Até 2027, a nova fábrica deverá abastecer integralmente os mercados do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina. “Esse projeto reforça o compromisso com o desenvolvimento regional, a valorização da mão de obra local e o fortalecimento da presença da Coca-Cola FEMSA Brasil na Região Sul”, afirma Schafaschek.

Outras grandes empresas também estão apostando no estado. A General Motors anunciou investimentos da ordem de 1,2 bilhão de reais na modernização de sua fábrica em Gravataí, nas proximidades de Porto Alegre. Boa parte dos recursos será utilizada para a produção de um SUV inédito da Chevrolet. Referência na indústria 4.0 pela utilização intensiva de robôs, câmeras inteligentes e inteligência artificial, a fábrica deverá passar por um novo ciclo de inovação — e geração de empregos. Nesse contexto, Gravataí se prepara para aproveitar as oportunidades. Uma das iniciativas é o Instituto de Tecnologia e Computação (Itec), um centro de formação de jovens em ciências da computação que deverá receber as primeiras turmas em 2027. Idealizado por empresários gaúchos e com investimento estimado em 400 milhões de reais, o projeto tem caráter filantrópico. Cerca de 70% do orçamento será destinado a bolsas de estudo, com o objetivo de ampliar o acesso à educação para estudantes de baixa renda do município e de cidades próximas. A intenção é acelerar a qualificação profissional em áreas de forte atração de talentos. “A chegada do Itec comprova a maturidade do Rio Grande do Sul em inovação e tecnologia, com um projeto de excelência que vai se transformar em referência global. É um passo determinante para o futuro que estamos construindo”, avalia Prikladnicki.

### INOVAÇÃO E TECNOLOGIA

A vocação do estado em setores em forte expansão, como tecnologia e negócios digitais, também continua cada vez mais em evidência, inclusive em relação às oportunidades com empresas globais. Um exemplo emblemático é a Epic Games, gigante americano de desenvolvimento de jogos eletrô-



MAURÍCIO TONETTO/SECOM

**EMPRESAS COMO COCA-COLA E GENERAL  
MOTORS JÁ AMPLIAM INVESTIMENTOS  
NO RS, COM AUMENTO DA CAPACIDADE  
PRODUTIVA E MODERNIZAÇÃO DE FÁBRICAS**



nicos e software que transformou o Rio Grande do Sul em seu centro de operações no Brasil ao adquirir o estúdio gaúcho Aquiris Game Studio. A partir dessa fusão, nasceu a Epic Games Brasil, o primeiro escritório da empresa na América Latina. “Já desenvolvíamos projetos com tecnologias da Epic Games, e o fato de termos conquistado um destaque relevante no mercado foi importante para fecharmos essa parceria”, diz Maurício Longoni, cofundador do Aquiris e diretor sênior de desenvolvimento de games da Epic Games Brasil. Os planos de expansão continuam a todo vapor. A empresa abriu recentemente dezenas de vagas para posições como engenheiro, animador e diretor de arte. Boa parte das oportunidades demanda alta qualificação profissional — o que, diferentemente da média global, não tem sido problema. “Há um ambiente favorável nesse sentido no Rio Grande do Sul, com talentos de sobra e muita gente capacitada em áreas relacionadas à tecnologia e à inovação”, afirma Longoni. “Esse dinamismo favorece a economia criativa e a inovação.”

Inauguração  
do escritório  
da Invest RS  
em São Paulo:  
Eduardo Lorea;  
Ernani Polo,  
secretário de  
Desenvolvimento  
Econômico do  
RS; Eduardo  
Leite; e Rafael  
Prikladnicki

No mercado de games, o futuro oferece perspectivas bastante favoráveis. Mais de 1.000 estúdios de jogos eletrônicos atuam no país, segundo a Associação Brasileira das Desenvolvedoras de Jogos Digitais (Abragames). As projeções para os próximos anos indicam um ritmo acelerado de crescimento, tanto em termos de receita quanto de avanços em relação à inclusão e diversidade. A participação feminina, por exemplo, é expressiva: as mulheres representam 52% da força de trabalho no segmento.

Para atrair os investimentos necessários à guinada na produtividade, o estado tem alguns trunfos em sua composição social e econômica. O Rio Grande do Sul tem hoje um dos menores índices de desigualdade do país e indicadores de renda superiores à média nacional. O rendimento mensal da população economicamente ativa no estado é de cerca de 3.208 reais, quase 15% maior do que a média do país, segundo o IBGE. Em relação ao capital humano — outro indicador bastante valorizado —, os gaúchos apresentam a maior proporção de universidades de excelência no país, segundo um estudo do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). Quase metade das instituições de ensino superior gaúchas avaliadas no levantamento atingiram a nota máxima do ranking, colocando a Academia local na liderança nacional das instituições de alto desempenho. Esses marcos, que sinalizam uma gestão pública atenta e boa resposta social, ajudam a posicionar o Rio Grande do Sul no mapa da inovação e do desenvolvimento econômico global. Se depender da nova vitrine de negócios da Invest RS, instalada no principal centro financeiro da América Latina, cada vez mais empresas pegarão o caminho rumo ao Sul. ●



Colheitadeira em exposição no Rio Grande do Sul: estado é o maior produtor de máquinas agrícolas do Brasil e se prepara para crescer e exportar mais



# MAIS VALOR AGREGADO





Liderança em máquinas agrícolas, exportações e produção de alimentos fazem do Rio Grande do Sul uma potência agroindustrial com tecnologia de ponta

ANDRÉ MARTINS

# P

**POUCOS ESTADOS BRASILEIROS CONSTRUÍRAM** uma identidade econômica tão consolidada no campo quanto o Rio Grande do Sul. Desde os ciclos coloniais, o agro moldou não apenas a economia local mas também a base industrial e cultural do estado. O que começou como lavouras familiares virou um dos mais robustos complexos agroindustriais do país. Hoje, o estado gaúcho reúne, de ponta a ponta, toda a cadeia produtiva do agronegócio: da indústria de máquinas agrícolas ao esmagamento de grãos, do processamento de proteína animal à produção de biocombustíveis. Com uma agroindústria estruturada e tecnológica, o estado exporta valor agregado — não apenas matéria-prima. As exportações do agronegócio e de insumos da agroindústria somaram 16 bilhões de dólares em 2024, 74% das exportações do estado. Ao olhar só para o agro no âmbito nacional, o Rio Grande do Sul representa quase 10% das vendas do setor para o exterior. “O nosso agro é forte, que se destaca no país, por, aliás, ajudar a disseminar técnicas de produção no Brasil afora”, diz Eduardo Leite, governador do estado.

A forte cadeia gaúcha começa “antes da porteira”, com insumos e máquinas. O estado é um dos líderes nacionais em produção de máquinas agrícolas e concentra mais de 60% da produção de tratores no Brasil, com destaque para empresas instaladas na região da Serra Gaúcha e na Região Metropolitana de Porto Alegre. Essa força se dá principalmente pela tradição agropecuária do estado. “Foi daqui que surgiram soluções para resolver o problema da agricultura. Pequenas oficinas se transformaram em grandes indústrias”, diz Claudio Bier, presidente da Federação das Indústrias do Estado do Rio Grande do Sul (Fiergs) e da Masal, empresa pioneira na produção de máquinas agrícolas. Na busca pela produtividade, Bier conta que sua com-

## RAIO X DO AGRO GAÚCHO

Estado reúne toda a cadeia produtiva de um setor diversificado e familiar



### ANTES DA PORTEIRA: indústria de máquinas e implementos agrícolas

Máquinas, defensivos, químicos, fertilizantes, sementes, frota



### DENTRO DA PORTEIRA: agropecuária

Principais culturas: soja, arroz, trigo e milho  
Pecuária: frango, bovina, suína e leite



### DEPOIS DA PORTEIRA: agroindústria

Abate e fabricação de produtos de carne e de moagem e fabricação de produtos amiláceos (com amido)

### Características do agro gaúcho

Dados do último Censo agropecuário mostram que a maioria dos estabelecimentos do setor é de agricultura familiar, mas o maior volume da produção vem da agricultura não familiar

■ Agricultura familiar ■ Não familiar

#### Estabelecimentos



#### Área por hectare

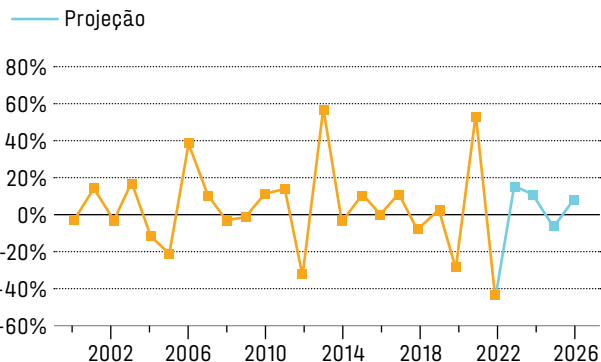


#### Valor da produção



### PIB do agro do RS

Após queda em 2025, o PIB do agro do estado tem previsão positiva para 2026, reflexo principalmente da expectativa de recuperação da produção de grãos





## Tamanho do agro do RS

A contribuição do agro do RS na economia do estado é de 14,9%, quase o dobro da média nacional

## Valor Adicionado Bruto (VAB)

Agropecuária no RS

14,9%

Agropecuária no Brasil

7,7%

## Agropecuária nas cidades gaúchas

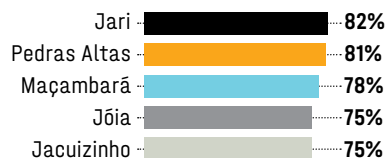
Maioria dos municípios gaúchos tem economia ligada ao agronegócio

Total de cidades: 497

Cidades com 30% da economia ligada ao agro: 332

Cidades com 50% da economia ligada ao agro: 173

## Cidades com maior dependência econômica da agropecuária



## Agroindústria

3.841

agroindústrias no RS  
27% do total das indústrias do estado

294.204

empregos nas agroindústrias do RS  
34% do total da indústria

10 bilhões de dólares

em exportações agroindustriais  
45,5% das exportações do RS

Fontes: Painel do Agronegócio do Rio Grande do Sul 2024, Sistema de Contas Regionais do IBGE e Tendências Consultoria.



EDUARDO FRAZÃO

panhia foi a primeira a criar uma trilhadeira que direcionava o arroz para o local de secagem, algo que antes ocorria por transporte de carretas de bois. São mais de 571 empresas de máquinas agrícolas em terras gaúchas, entre as locais e as multinacionais. “O avanço tecnológico é o que mantém as nossas vendas”, diz. “A tecnologia que estamos imprimindo nas máquinas permite ao produtor produzir mais no mesmo pedaço de terra.”

Com essa base consolidada, o estado mira agora o mercado internacional. Estudo da consultoria McKinsey projeta que o mercado global de máquinas agrícolas pode saltar de 125 para 160 bilhões de dólares até 2028, impulsionado pela busca por maior produtividade. “Agricultores enfrentam custos crescentes, eventos climáticos extremos e preços voláteis de commodities, o que os obriga a fazer mais com o mesmo hectare”, diz Mikael Djanian, sócio da McKinsey em São Paulo. Globalmente, 35% dos agricultores planejam investir em equipamentos tecnológicos nos próximos dois anos. No Brasil, esse percentual é de 32%. Segundo o maior exportador de máquinas agrícolas do país, com vendas de 296 milhões de dólares em



Produtor e sua ovelha premiada na Expointer: agricultores gaúchos mantêm tradições e vestimentas locais enquanto convivem com tecnologia de ponta

EDUARDO FRAZÃO

2024, o Rio Grande do Sul tem um ciclo de investimentos de empresas em andamento e apresenta soluções para mais. A John Deere está investindo 230 milhões de reais em um plano que se estende até 2026. A Kepler Weber, especializada em armazenagem de grãos, também alocará 100 milhões de reais em suas unidades no estado até 2026. “Nosso objetivo é ter um produto com preço competitivo para o mercado internacional”, afirma Giovani Baggio, economista-chefe da Fiergs. Um dos mecanismos para atrair novos investimentos é o Programa Estadual de Desenvolvimento Industrial (Proedi), que oferece até 90% de desconto na aquisição de terrenos para novas plantas industriais. A ideia da gestão estadual é atrair novas empresas em distritos com cerca de 200 companhias, em uma área superior a 5.000 hectares.

Outro setor agroindustrial essencial para aumentar a produtividade das plantações é o de fertilizantes. O Brasil depende de importações para suprir 90% da demanda nacional, com gasto de 25 bilhões de reais em 2024. Ao mesmo tempo, a procura global pelo insumo cresce cerca de 2% ao ano, o que torna importante o estímulo da produção nacional de fertilizantes, uma pauta cara ao agro, pelo custo e pelos desafios geopolíticos. Por isso, o Rio Grande do Sul investe para chegar à almejada autossuficiência na área — o que reduziria diver-

sos riscos, como a exposição cambial. Hoje, o estado possui 155 registros ativos de estabelecimentos produtores do insumo. E a previsão é de expansão. A Begreen Bioenergia e Fertilizantes Sustentáveis, empresa com uma planta em Passo Fundo, planeja mais três unidades para a produção de fertilizantes no estado, com investimentos que passam dos 80 milhões de reais. Em agosto, a empresa recebeu licenças ambientais, passo importante para avançar para novas instalações. “É um marco no avanço do projeto e na consolidação do nosso compromisso com o desenvolvimento sustentável”, diz a empresa em nota sobre os investimentos no estado.

Além dos novos empreendimentos, o estado abriga a multinacional norueguesa Yara, que iniciou sua operação no Brasil a partir do Rio Grande do Sul em 1970. O complexo da empresa é o maior e mais moderno parque de produção, mistura e expedição de fertilizantes da América Latina. Ele representa cerca de 5% da produção nacional, com capacidade de

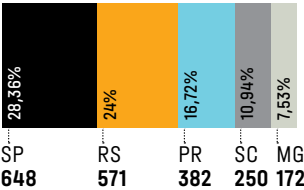
granulação de 1,2 milhão de toneladas por ano e de distribuição e ensacamento de 2,2 milhões. As soluções atendem aos três estados do Sul, parte do Centro-Oeste, a região conhecida como Mapito (Maranhão, Piauí e Tocantins), Rondônia, além de exportações para Paraguai e Argentina. “Foram 2 bilhões de reais investidos no estado nos últimos anos”, diz Marcio Wally, diretor comercial da Yara para a Região Sul. “Esse valor foi destinado à tecnologia, ao desenvolvimento de pessoas e à ampliação do espaço, o que nos posicionou na indústria 4.0 e elevou o padrão da indústria gaúcha.” Para atrair mais investimentos para o setor, o estado vê a melhora do ambiente de negócios como chave. Além de diminuir a complexidade para abertura e fechamento de empresas, o governo gaúcho aposta na padronização e automatização de licenças e alvarás de forma agilizada. Com essas medidas, a conta gaúcha é que o estímulo à produção de fertilizantes no estado pode representar um mercado potencial de 4,9 bilhões de dólares até 2040.

Quando as máquinas e os fertilizantes passam da porteira é que o plantio e a colheita acontecem — num processo que gera 15% do PIB do estado. Os principais responsáveis por esse resultado são a soja e o arroz. A oleaginosa lidera em área plantada, produção e valor: são 6,7 milhões de hectares cultivados, 20,2 milhões de toneladas colhidas e um Valor Bruto da Produção (VBP) de 39,8 bilhões de reais. Já o cereal ocupa 900.000 hectares, com uma produção de 7,2 milhões de toneladas — quase 70% da produção nacional, somando 16,3 bilhões de reais em valor. O milho também figura entre as principais culturas, com 4,5 milhões de toneladas produzidas em 811.000 hectares e 5,2 bi-

## Oportunidade bilionária

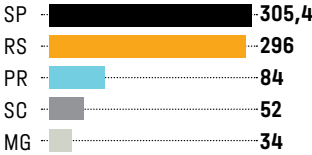
Estado vê o setor de máquinas agrícolas como estratégico. Previsão é que em três anos o mercado global chegará a 160 bilhões de dólares. Rio Grande já está na frente na corrida

### Número de empresas



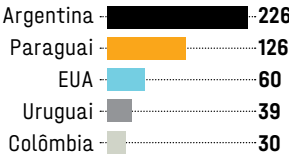
### Exportação

(em bilhões de dólares)



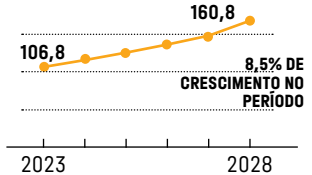
### Principais mercados compradores do Brasil

(em bilhões de dólares)

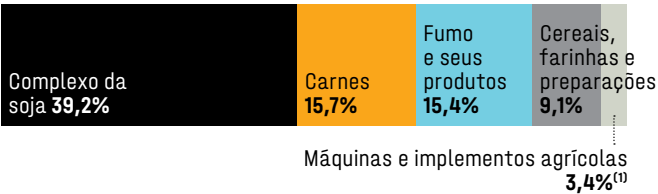


### Mercado global de equipamentos agrícolas

(em bilhões de dólares)



### Principais setores exportadores do agro gaúcho em 2023



(1) Alta de 1 ponto em relação a 2022. Dados mostram que setor tem espaço para crescer. Fontes: Painel do Agronegócio do Rio Grande do Sul 2024, McKinsey e Sindicato das Indústrias de Máquinas e Implementos Agrícolas do Rio Grande do Sul (Simers).

Claudio Bier, presidente da Fiegs: no estado, pequenas oficinas se tornaram grandes indústrias para resolver problemas no campo





## DESAFIOS NO CURTO PRAZO

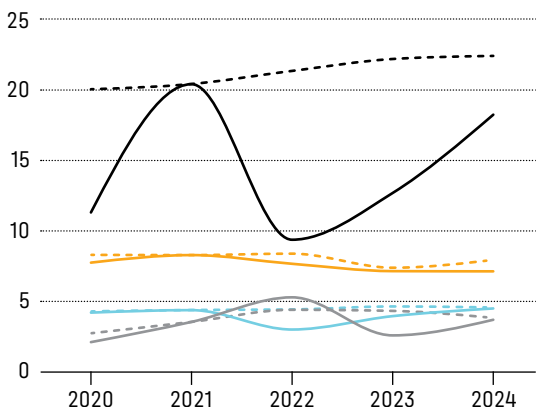
Desafios climáticos provocaram quebras de safra e forçam discussão sobre alongamento do crédito para produtores

### PERDAS ENTRE 2020 E 2024

**Produção** (em milhões de toneladas)

--- Esperada — Obtida

■ Soja ■ Arroz ■ Milho ■ Trigo

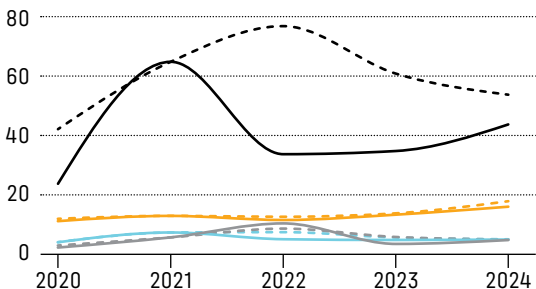


**40,6 MILHÕES**  
de toneladas  
foi a perda  
no período

**Valor Bruto da Produção** (em bilhões de reais)

--- Esperado — Obtido

■ Soja ■ Arroz ■ Milho ■ Trigo



**106,6 BILHÕES**  
de reais foi  
quanto os  
produtores  
gaúchos  
deixaram  
de faturar  
no período

### SOLUÇÕES

Governo do estado e setor se movimentam para aliviar as dívidas de curto prazo e aumentar os investimentos

→ **150 milhões de reais de aporte** do Fundo do Plano Rio Grande (Funrigs) para viabilizar a prorrogação de dívidas de crédito rural contratadas

→ **903 milhões de reais de investimentos** no Programa de Recuperação Socioprodutiva, Ambiental e de Resiliência Climática da Agricultura Familiar Gaúcha

→ **20 anos de prorrogação** da dívida de produtores via projeto de lei no Congresso

lhões de reais movimentados. O trigo, importante na entressafra, atingiu 5,3 bilhões de reais de VBP. Entre as culturas de menor escala, destacam-se a uva e a batata-inglesa, que, apesar das áreas reduzidas, movimentaram 1,8 bilhão e 1,4 bilhão de reais, respectivamente, reforçando a diversidade da produção rural gaúcha.

Essa produção abastece 13.841 estabelecimentos agroindustriais no estado — que respondem por 43,9% da indústria gaúcha. É lá que a soja vira farinha ou óleo, e o arroz é beneficiado. Essa transformação passa por uma diversidade de atividades industriais ligadas ao campo, que movimentam desde o abate e a fabricação de carnes até a produção de biocombustíveis. O destaque vai para a indústria de carne, que representa 7,1% do total, seguida pela moagem de produtos amiláceos, como trigo e milho, com 6,1%. Também ganham relevância setores como a fabricação de laticínios, rações e bebidas alcoólicas, mostrando como o agronegócio gaúcho é mais do que produção primária: é uma engrenagem complexa de alto valor agregado.

### DESAFIOS FUTUROS

Com o histórico, o estado agora olha para o futuro — não sem considerar os desafios de curto prazo. Após crescimento do PIB do agro robusto de 51% em 2021, o agro gaúcho vem apresentando uma oscilação de resultados nos últimos anos. A projeção para este ano é de uma queda de 5,8%, segundo a Tendências Consultoria. O motivo: o impacto dos extremos climáticos. A escassez de chuvas no início deste ano reduziu a produtividade de culturas como soja e milho, além de comprometer a pecuária em regiões de pastagem natural. No ano passado, foi a água em excesso, com as enchentes históricas que atingiram lavouras, que causou perdas de rebanhos e uma logística rural paralisada por semanas. “Deixamos de colher algo em torno de 50 milhões de toneladas de grãos desde 2020. Um impacto muito severo no bolso dos produtores, porque fugiu da regra do gerenciamento”, diz Gedeão Pereira, produtor e presidente da Federação da Agricultura do Rio Grande do Sul. Segundo ele, o impacto pode ser ilustrado com uma fila de caminhões de 26.000 quilômetros — equivalente a cinco vezes a distância entre Oiapoque e Chuí, os pontos extremos do Brasil. Esse impacto representou 106 bilhões de reais que os produtores deixaram de faturar no período.



Fábrica da Yara, no estado: unidade produz, sozinha, 5% da demanda de fertilizantes do Brasil, um gigante do agro

“Não há produtor que aguarde tanto desastre climático”, afirma Pereira.

As soluções para esse desafio passam por propostas do governo estadual e discussões que ocorrem em Brasília. A grande questão para os produtores gira em torno da renegociação do crédito no curto prazo. Só em 2025, são 27 bilhões de reais a vencer, estrangulando a capacidade de custeio do plantio e investimentos. Dentro do Plano Rio Grande, a gestão Leite anunciou um aporte de 150 milhões de reais do Fundo do Plano Rio Grande (Funrigs) para viabilizar a prorrogação de dívidas de crédito rural contratadas no Banrisul. A projeção é de que o apoio viabilize a prorrogação de até 3,04 bilhões de reais em crédito rural, com manutenção dos juros contratuais e pagamento escalonado a partir de 2026. Mas, para uma resposta mais estruturada, que atenda do pequeno ao grande, o setor produtivo apoia propostas em discussão no Congresso que prorroguem as dívidas por até 20 anos. A medida pro-

põe o uso dos recursos do Fundo Social do Pré-Sal para a criação de linhas com juros baixos. “O produtor pega essa linha, saneia suas dívidas e passa a ter uma única dívida por um agente financeiro. Após o pagamento, o dinheiro volta para o fundo social”, diz Antonio Luz, economista da Farsul. “Os produtores precisam de financiamento para tornar a fazenda mais resiliente e inovadora, para trazer mais produtividade para o campo.” Além de recursos, os agricultores veem com bons olhos a nova política de irrigação do estado. Além de facilitar a licença para as instalações, o estado realiza aporte de até 20% de recursos nos projetos. A ideia é aumentar a área irrigada em até 100.000 hectares, um incremento de 33% das principais culturas de sequeiro, como milho e soja — uma solução contra a estiagem. Mesmo com os desafios, o setor deve retomar o crescimento no próximo ano. A projeção da Tendências é de alta de 7,4% no PIB agro do RS em 2026, com recuperação de 44,9% na produção de soja. “A tecnologia deve avançar na correção de solo e no aumento da tolerância a temperaturas mais altas”, diz Gabriela Faria, consultora de agronegócio da Tendências. Em um cenário global de busca por segurança alimentar e energia limpa, o modelo agroindustrial gaúcho mantém relevância — e mostra que tradição combinada com inovação ainda é uma vantagem estratégica. Mas agora, mais do que nunca, será preciso somar a resiliência. ●

# O VALE DOS CHIPS

Com mão de obra qualificada, centros de pesquisa especializados e incentivos, o Rio Grande do Sul concentra 40% das fábricas de semicondutores do país

LILIAN RAMBALDI

**NO CENÁRIO MUNDIAL, HOJE POU-COS SETORES** carregam tanto peso estratégico quanto o de semicondutores, considerados o novo petróleo — insumos industriais dos quais o mundo do século 21 depende cada vez mais. Essenciais na microeletrônica moderna, para a produção de chips, estão presentes em quase tudo: do celular no bolso à inteligência artificial, dos carros elétricos aos satélites em órbita. Ao mesmo tempo, sua produção é um desafio global, pois envolve altíssima complexidade tecnológica, cadeia de suprimentos fragmentada, grandes investimentos e questões geopolíticas. Na pandemia, essa vulnerabilidade foi escancarada: interrupções na cadeia causaram escassez global, paralisando fábricas de automóveis e eletrônicos, por exemplo. Assim, dominar essa tecnologia significa não só avançar em inovação, mas garantir soberania e competitividade econômica.





Atento a esse contexto, o Rio Grande do Sul vem trabalhando para atrair investimentos de empresas nacionais e estrangeiras do setor. Atualmente, o estado concentra 40% da produção nacional de semicondutores, segundo a consultoria McKinsey. O interesse pelo território gaúcho deriva de uma combinação de fatores que o diferenciam: estado número 1 em inovação no país no Ranking de Competitividade dos Estados 2025, parques científicos de referência, universidades de excelência, centros de pesquisa e desenvolvimento (P&D) especializados em semicondutores, localização estratégica próxima a mercados do Mercosul e políticas públicas ativas de fomento específico dessa indústria. “O Rio Grande do Sul é vocacionado para a inovação”, afirma Simone Stülp, secretária de Inovação, Ciência e Tecnologia do estado. “Trabalhamos a competitividade em eixos estratégicos e o setor de semicondutores é um deles.”

# 40%

DAS FÁBRICAS DE  
SEMICONDUCTORES  
DO BRASIL ESTÃO NO RIO  
GRANDE DO SUL

A expertise também é diferencial. Porto Alegre abriga o Centro Nacional de Tecnologia Eletrônica Avançada (Ceitec), único fabricante estatal de microchips do Brasil, inaugurado em 2008. “Ter o Ceitec na capital nos capacitou de forma diferenciada no setor de semicondutores”, observa Stülp.

### ESTÍMULO PARA O SETOR

O mercado global de semicondutores, dominado pela Ásia, é estimado em 656 bilhões de dólares pela McKinsey e deve ultrapassar a marca de 980 bilhões de dólares até 2029. No Brasil, porém, 90% da demanda é suprida por importação, segundo a Associação Brasileira da Indústria de Semicondutores (Abisemi), por causa do histórico de baixo investimento no ramo e dos altos custos da produção nacional. É nesse cenário que o Rio Grande do Sul tenta se firmar como exceção.

A principal iniciativa do estado é o programa Semicondutores RS, que visa oferecer um ambiente propício para o desenvolvimento do setor. Lançado em 2023 sob a liderança da Secretaria de Inovação, Ciência e Tecnologia (Sict), ele prevê incentivos fiscais e 70 milhões de reais até 2026 em investimentos. A política busca atrair empresas, formar profissionais e estimular a pesquisa aplicada. “Para isso, mantemos um Fórum Consultivo Permanente, formado por governo, indústria e academia”, explica Stülp.

A qualificação de mão de obra é considerada peça-chave para sustentar o avanço. Nessa frente, o estado financia especializações técnicas e bolsas de pós-graduação em áreas ligadas ao setor. Só neste ano, 20 engenheiros concluíram o curso de Projetistas de Circuitos Integrados na Unipampa, com bolsa mensal de 4.000 reais. Outros 30 estudam Encapsulamento



UNISINOS/DIVULGAÇÃO

Sede do itt Chip, em São Leopoldo: instituto tecnológico especializado em semicondutores da Unisinos mantém parceria com empresas do setor, como a HT Micron

de Semicondutores na Unisinos, com bolsas de 5.000 reais. Conectado ao planejamento do Semicondutores RS, o programa RS Talentos já disponibilizou 400 bolsas de estudos em universidades para cursos como ciência da computação e engenharia de software, elétrica, mecânica e química. A meta é investir em mão de obra qualificada e mantê-la dentro do estado. “Esse é um ativo importantíssimo para que sejamos líderes em inovação no Brasil”, destaca Stülpe.

### NOVOS INVESTIMENTOS

Segundo o governo gaúcho, o estado é o único a contar com um programa estruturado de fomento da indústria de semicondutores que já colhe resultados. Entre as companhias já instaladas está a HT Micron, localizada no parque tecnológico Tecnosinos, em São Leopoldo. Parte do grupo sul-coreano Hana Micron, a companhia investiu, em 2023, 105 milhões de reais em uma nova planta em São Leopoldo, na região metropolitana, a 30 quilômetros de Porto Alegre. Além disso, firmou uma parceria com o Instituto Tecnológico de Semicondutores (itt Chip), da Unisinos, uma das universidades de referência da região, também de São Leopoldo, para criar uma estrutura diferenciada para expandir a produção. De origem inglesa, a EnSilica mantém desde 2021 um centro de design no Tecnopuc, o parque científico e tecnológico da Pontifícia Universidade Católica (PUCRS), em Porto Alegre. No mesmo complexo opera a americana Impinj, especializada em chips para tags e leitores e identificação por radiofrequência.

Em junho deste ano, a Invest RS, agência de desenvolvimento do estado, assinou também documentos com a Chipus Microeletrônica e a Tellescom Semicondutores. O acordo com a Chipus inclui a criação de um centro de P&D em microeletrônica em local ainda a ser definido. Já a Tellescom formalizou um protocolo para investir 1 bilhão de reais em uma fábrica em Cachoeirinha, cidade vizinha a Porto Alegre, para a produção de componentes eletrônicos para a área automotiva, de computação avançada e comunicação. A expectativa é gerar mais de 1.000 empregos.

“Vamos fazer o encapsulamento dos chips e testes de semicondutores, com foco principalmente nesses mercados”, explica Ronaldo Aloise Júnior, CEO da Tellescom. Segundo ele, a escolha pelo Rio Grande do Sul se deu por diversos motivos, entre eles expertise, mão de obra qualificada e logística

## POLO DE SEMICONDUCTORES

### Por que o Rio Grande do Sul se diferencia na atração dessa indústria?

#### Ecossistema de excelência

- Centros de P&D especializados na área
- Mão de obra altamente qualificada
- Sede do Ceitec, único fabricante estatal de microchips do Brasil

#### Conexões internacionais

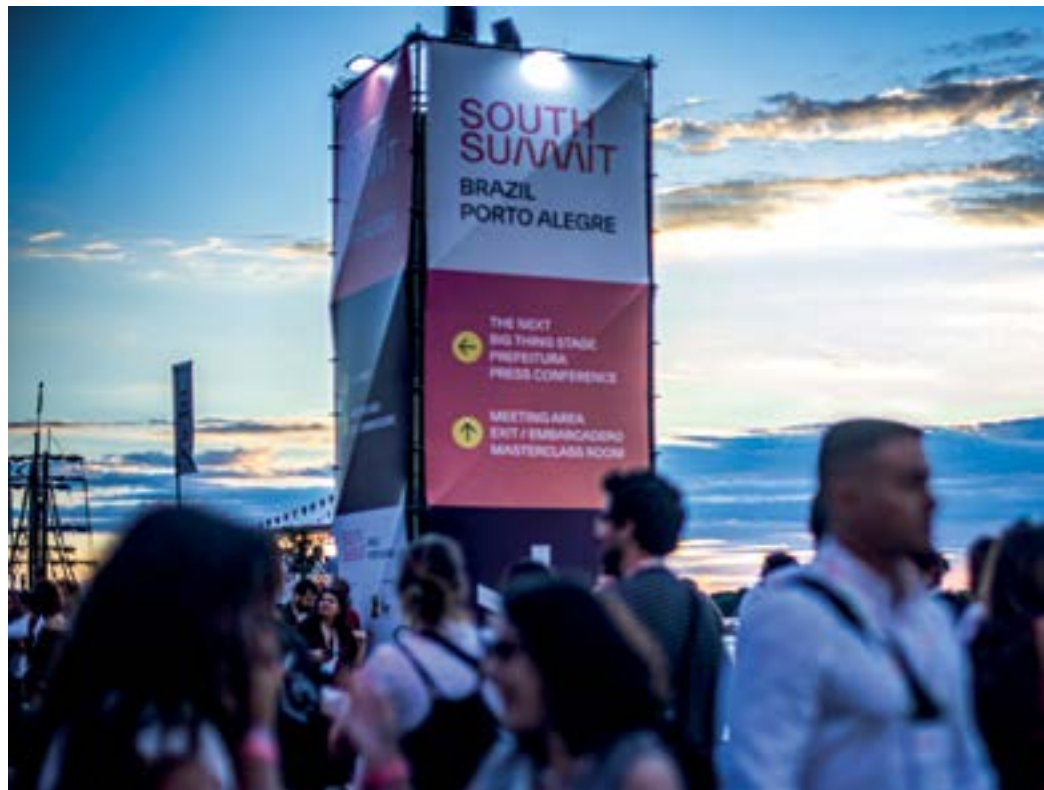
- Proximidade com mercados do Mercosul
- Empresas asiáticas, europeias e americanas já instaladas

#### Novas parcerias

- Chipus Microeletrônica
- Tellescom Semicondutores
- Malaysia Digital Economy Corporation

#### Estratégia governamental

- 70 milhões de reais em investimentos até 2026
- Incentivos fiscais
- Articulação permanente entre governo, indústria, Academia e sociedade civil
- Plano Rio Grande, de reconstrução pós-enchente, de 14 bilhões de reais até 2027



South Summit Brasil 2025: desde 2022, a capital gaúcha é palco do evento que conecta startups, investidores e corporações globais





GIORDANO TOLDO/TECNO PUC

Parque científico Tecnopuc, da PUC-RS, em Porto Alegre: empresas da cadeia de semicondutores, como a inglesa EnSilica e a americana Impinj, integram o ecossistema do parque científico e tecnológico da PUCRS

## AMBIENTE GLOBAL DE NEGÓCIOS

O RS se destaca ainda como sede da edição brasileira do South Summit, evento internacional de inovação que acontece anualmente em Porto Alegre, reunindo pesquisadores, empresas e investidores na área de tecnologia avançada, inclusive do setor de semicondutores

### EDIÇÃO 2025

23.000

participantes

800

investidores

3.000

startups

900

speakers

**Próxima edição:** 25, 26 e 27 de março de 2026

favorável: “O estado tem ótimas universidades, que vêm formando profissionais com conhecimento avançado no setor. Oferece também infraestrutura, logística e segurança, o que é essencial para nós. Além disso, tivemos muito apoio técnico do governo gaúcho”.

O estado também busca integração internacional. Após missão na Malásia, a Invest RS e a Sict firmaram memorando de entendimento com a Malaysia Digital Economy Corporation — agência governamental de promoção da indústria e da economia digital daquele país —, para cooperação em negócios estratégicos, incluindo o de semicondutores. Em visita ao itt Chip, a embaixada da Tailândia também demonstrou interesse em fazer negócios com o estado gaúcho.

As enchentes de 2024 — a pior tragédia climática da história do estado — não interrompeu os planos de investidores, que reafirmaram a confiança no ambiente de negócios gaúcho. No RS Day, realizado em maio em Nova York, o governador Eduardo Leite apresentou o Plano Rio Grande, com um fundo próprio, o Funrigs, de 14 bilhões de reais até 2027, para reconstrução e atração de novos negócios. A aposta do governo é que, mesmo após a maior tragédia climática de sua história, o estado possa emergir mais resiliente e competitivo. Se o mundo passa a medir poderio econômico pela capacidade de produzir chips, o Rio Grande do Sul busca escrever seu futuro com silício e circuitos. Agora o desafio será transformar a condição de polo promissor em liderança de fato dentro da indústria global. ●



LEANDRO FONSECA



# A CIDADE DOS

Com aporte privado de 3 bilhões de reais, o Rio Grande do Sul se prepara para receber um distrito digital inédito no Brasil

CÁSSIA ZANON

**EM 1988, QUANDO ELDORADO DO SUL, NA REGIÃO** metropolitana de Porto Alegre, ganhou esse nome, o que não se sabia era que, décadas mais tarde, a “oportunidade de ouro” não viria da terra, e sim da nuvem: em 2024, o governo do Rio Grande do Sul assinou um acordo com a Scala Data Centers para instalar no município o primeiro distrito industrial de data centers do país. A primeira fase do projeto receberá da DigitalBridge, investidora da empresa, um aporte de 3 bilhões de reais.

A infraestrutura da chamada Scala AI City — cidade da IA — será construída em uma área de 7 quilômetros quadrados em uma das regiões mais devastadas pelas enchentes do ano passado, quando 80% do município ficou submerso, impactando mais de 30.000 pessoas. “O anúncio de um investimento em uma região tão afetada pelas enchentes já é extremamente significativo, mas vai além disso”, disse o governador Eduardo Leite na ocasião da assinatura do acordo. Segundo ele, o projeto tem potencial de investimentos de 500 bilhões de reais quando estiver totalmente concretizado. “Nosso compromisso é atuar diligentemente em âmbito nacional para criar um ambiente regulatório favorável aos data centers e às questões ligadas à inteligência artificial”, garantiu.

O movimento é uma resposta estratégica às demandas por infraestrutura de tecnologia, especialmente para a inteligência artificial (IA) generativa. Uma pesquisa da McKinsey mostra que até 2030 serão necessários cerca de 6,7 trilhões de dólares em investimentos globais para atender à crescente demanda por poder computacional, sendo 70% dessa demanda proveniente de cargas de trabalho de IA.

A capacidade inicial da AI City gaúcha será de 54 MW, sete vezes a soma dos data centers atualmente instalados na Grande Porto Alegre. O potencial de expansão, segundo o governo, pode chegar a 4,75 GW — mais do que o consumo total do estado do Rio de Janeiro.





# DATA CENTERS



Perspectiva do Scala  
AI City, em Eldorado do  
Sul: primeiro distrito  
industrial de data  
centers do Brasil  
ocupará uma área de  
7 quilômetros quadrados

A articulação para viabilizar o projeto envolve diálogo constante com os setores municipal e federal, buscando criar um arcabouço legal robusto, com infraestrutura de energia, fibra óptica e sistemas de resfriamento. Em entrevista à EXAME, Luciano Fialho, vice-presidente de desenvolvimento corporativo, energia e imóveis da Scala, destacou que o relacionamento da empresa com o governo “é o melhor possível, em uma conversa contínua, transparente e de apoio”.

A área foi adquirida pela empresa com apoio da administração pública na adequação da regulamentação. Embora o valor e a data exata da transação não tenham sido detalhados, Fialho considera a atuação da gestão estadual essencial para a concretização do negócio. “Estamos vivendo uma situação perfeita de parceria entre iniciativas privada e pública. Nós não pedimos nada, nem doação de terra, nem empréstimo, nem isenção de absolutamente nada”, disse. Segundo ele, o projeto não é apenas uma aposta, mas uma resposta às demandas de clientes da empresa.

## A VANTAGEM GAÚCHA

A escolha de Eldorado do Sul, uma das cidades mais afetadas pelas enchentes de 2024, para abrigar a AI City não foi ao acaso. O anúncio do novo complexo é visto como uma poderosa alavanca para a recuperação econômica e social do estado, reafirmando a resiliência e o potencial de atração de negócios do Rio Grande do Sul, mesmo em momentos desafiadores. “Somos um estado vibrante, um celeiro de importantes startups e deeptechs, onde se investe na formação de novos talentos”, observa a secretária de Inovação, Simone Stülpe.

A Scala confirma que a escolha da empresa teve como base as vantagens competitivas que o estado oferece, que vão além do já citado apoio governamental. O RS conta com uma matriz energética majoritariamente limpa, com 82% de energia proveniente de fontes renováveis: hídrica (37,8%), solar (27,5%) e eólica (16,6%). Fialho afirma que essas condições representam “um caminho muito mais rápido” para projetos desse porte.



SECOM RS

Simone Stülp, secretária de Inovação, Ciência e Tecnologia: "Somos um celeiro de importantes startups e deeptechs"

Em maio deste ano, a Scala obteve do Ministério de Minas e Energia (MME) autorização para a conexão de até 5 GW de energia à Rede Básica do Sistema Interligado Nacional, utilizando uma subestação já pronta e subutilizada no município. Para efeito de comparação, ao atingir seu potencial máximo, essa demanda corresponderá a cerca de 20% da carga máxima atualmente registrada na Região Sul, evidenciando a escala inédita do projeto. A medida agiliza a implantação da AI City e reduz significativamente os investimentos iniciais, representando o maior aporte energético já concedido a uma empresa de data centers no Brasil.

O projeto também se beneficiará do futuro cabo submarino internacional Malbec, que passará por Porto Alegre, com operação prevista para 2027. Ele permitirá conexão direta com outros mercados internacionais, aumentando a velocidade e a capacidade de transmissão de dados, essencial para operações de inteligência artificial em larga escala e garantindo maior resiliência à rede da Scala.

Além disso, o clima ameno da região ajuda a reduzir o consumo de energia com refrigeração, um dos maiores custos dos data centers. Isso contribui para uma eficiência energética superior, medida pelo Power Usage Effectiveness (PUE) — um indicador que compara a energia total consumida pelo data center com a energia efetivamente usada pelos servidores. Na AI City, o PUE será de 1,2, o valor mais baixo da América Latina, revelando que apenas 20% da energia é consumida com infraestrutura de suporte (como ar-condicionado e resfriamento), enquanto 80% vão diretamente para processamento de dados. Essa eficiência é especialmente relevante, já que uma AI City espe-

## ATÉ 2030, SERÃO NECESSÁRIOS 6,7 TRILHÕES DE DÓLARES PARA ATENDER À DEMANDA COMPUTACIONAL

cializada em IA generativa exige muito mais energia do que data centers convencionais.

### OS GANHOS PARA O ESTADO

O projeto deve gerar mais de 3.000 empregos diretos e indiretos já na primeira fase da construção. Nos protocolos de intenções assinados com Eldorado do Sul e Charqueadas, a empresa se comprometeu a priorizar a contratação de mão de obra e fornecedores locais, com o objetivo de atrair empresas de sua cadeia de fornecedores para a região.

A previsão é de que o projeto, planejado com protocolos avançados de adaptação climática e sistemas de mitigação de riscos, também movimente um vasto ecossistema, abrangendo setores como energia, construção civil e telecomunicações. Embora a falta de movimentação no terreno adquirido ainda em 2024 não transpareça, Fialho garante que a execução do projeto está em pleno andamento. As aprovações necessárias — como, por exemplo, para levar a rede de fibra óptica até o local — estão sendo obtidas dentro dos prazos legais previstos. Ele reforça que não há empecilhos



Assinatura do protocolo de intenções do AI City: projeto tem potencial de investimentos de 500 bilhões





MAURÍCIO TONETTO/SECOM

## AI CITY: UM CORAÇÃO DIGITAL NO RS

Hub terá capacidade inicial de 54 MW, sete vezes a soma dos data centers atualmente instalados na Grande Porto Alegre



**Localização:** Eldorado do Sul

**Área:** 7 quilômetros quadrados

**Investimento:** 3 bilhões de reais

**Capacidade:** 54 MW (inicial), podendo atingir 4,75 GW

**Impacto:** 3.000 novos empregos diretos e indiretos

de regulação ou legislação, e sim um processo que deve ser e está sendo seguido.

A AI City da Scala promete se diferenciar dos projetos polêmicos em termos de uso de recursos hídricos ao redor do mundo. Embora os detalhes específicos de seu sistema de resfriamento não estejam explicitados nos documentos, a empresa empregará um design “FutureProof”, que permite a instalação de racks que suportam cargas intensivas de IA, com um consumo energético mais eficiente. “É verdade que data centers historicamente consomem muita água, mas isso evoluiu muito”, explica a vice-presidente de marketing e sustentabilidade da Scala, Christiana Weissshuhn. Segundo a executiva, os data centers da empresa, por exemplo, funcionam em circuito fechado, com uma quantidade fixa de água, em uma tecnologia que é “desenhada para os próximos 15 anos”. A previsão é de que a primeira unidade de data center em Eldorado do Sul esteja ativa a partir de 2026, com a conclusão de todas as etapas de planejamento, aprovação e construção. ●



# DO CAMPO À ENERGIA LIMPA

FOTOS: FERNANDO DIAS/SEA PI





**MANTER A AGENDA AMBIENTAL** DE pé tem sido um desafio para a maioria dos governos no mundo. Metas de transição energética são revistas, prazos para redução de emissões são adiados, e a descarbonização da economia caminha em marcha lenta. Nesse cenário global de hesitação, o Rio Grande do Sul tenta ser um ponto fora da curva. O estado vem mostrando resultados consistentes que o colocam na linha de frente da mudança no Brasil. Em 2024, a área de desmatamento do estado — sempre um ponto crítico no Brasil — somou 900 hectares, uma queda de mais de 40% em relação ao ano anterior, segundo dados do MapBiomass, rede global que acompanha as transformações do uso da terra. E não foi só na contenção da devastação que os gaúchos avançaram.

A matriz energética local também passou por mudanças importantes. A participação das fontes renováveis — hidrelétricas, usinas solares e eólicas — subiu de 58% em 2023 para 62% no ano seguinte. A fatia das termelétricas, especialmente as movidas a carvão mineral, diminuiu no mesmo compasso. O mais impressionante, porém, são as reduções nas emissões de gases causadores de efeito estufa na agropecuária, setor que está no coração da economia gaúcha. “Estamos muito, muito perto de uma agricultura de baixo carbono ou de neutralidade nas emissões”, diz Marjorie Kauffmann, secretária de Meio Ambiente e Infraestrutura do estado. Os primeiros resultados devem ser apresentados em novembro durante a COP30, em Belém. “Preliminarmente, vamos mostrar reduções de até 50% nas emissões de culturas importantes, como a da soja.” Nesse ritmo, diz ela, as metas de descarbonização da agricultura até 2030 serão cumpridas.

Em parte, os resultados se devem à disseminação de práticas

## **O HIDROGÊNIO VERDE E OS BIOCOMBUSTÍVEIS PÕEM OS GAÚCHOS NA VANGUARDA DA DESCARBONIZAÇÃO NO BRASIL — E A BASE DE TUDO É A TRADICIONALÍSSIMA AGROPECUÁRIA DO ESTADO**

**LUCIANO MANENTI**

mais sustentáveis nas lavouras, pastagens e rebanhos do Rio Grande do Sul. É o caso da adoção do sistema de plantio direto — método que reduz a erosão, otimiza o consumo de fertilizantes e diminui o impacto de máquinas agrícolas no preparo do solo —, a rotação de culturas e mudanças no manejo dos rebanhos.

Existe, porém, outro pilar que sustenta a transição energética: os incentivos que o estado oferece para atrair investimentos em bioenergia. Esses estímulos não apenas tornam o agronegócio gaúcho mais sustentável, como também posicionam o Rio Grande do Sul entre as locomotivas da descarbonização no país. Entre as medidas estão incentivos tributários, como o crédito presumido de ICMS para a produção de biodiesel, ampliado de 60% para 66,67%. Há também linhas de financiamento de longo prazo: na última década, o Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul (BRDE) — mantido pelos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná — destinou 4,7 bilhões de reais a projetos de geração e transmissão de energia renovável. Em algumas situações, o governo gaúcho ainda concede subvenções diretas a iniciativas estratégicas.

Um exemplo delas é o hidrogênio verde (H2V), que compõe a próxima onda de descarbonização no estado. Em resumo, trata-se de usar fontes de energia limpa e renovável (como hidrelétrica, eólica, solar

Campo de canola no Rio Grande do Sul: insumo para a produção de biodiesel

ou proveniente de biomassa) para quebrar as moléculas de água e obter o hidrogênio. Esse gás, por sua vez, pode ser usado para a produção de amônia verde (matéria-prima para a fabricação de fertilizantes), metano verde (reagente básico para a produção de biodiesel) ou como combustível limpo para substituir o gás natural, o carvão mineral ou o óleo diesel para gerar energia e abastecer máquinas e veículos.

“Com o apoio do governo estadual e investimentos privados, o ecossistema da transição energética no RS está evoluindo rapidamente. Ao unir inovação tecnológica, sustentabilidade e economia local, os projetos previstos para o Rio Grande do Sul demonstram que o futuro da energia está sendo construído agora, e que ele é verde”, afirma o secretário-chefe da Casa Civil do Rio Grande do Sul, Artur Lemos.

## Etanol de cereais

### O que é

Mesmo etanol da cana, mas feito a partir de cereais

### Matérias-primas no RS

Trigo (principal), além de milho, arroz e farelos vegetais

### Capacidade prevista até 2027

222 MILHÕES

litros/ano

## Hidrogênio verde

### O que é

Hidrogênio produzido com energia renovável, usado como insumo ou combustível

### Matérias-primas no RS

Energia hidrelétrica, eólica, solar e biocombustíveis

## COMBUSTÍVEIS PARA A TRANSIÇÃO ENERGÉTICA

O que o RS está produzindo — e o que ainda vai produzir

### Biodiesel

#### O que é

Biocombustível semelhante ao diesel fóssil (misturado ao diesel vendido no Brasil)

### Matérias-primas no RS

Óleo de soja (principal), outras oleaginosas e gordura animal

### Produção em 2024

2 MILHÕES M<sup>3</sup>

Rio Grande do Sul

9,1 MILHÕES M<sup>3</sup>

Brasil

22% do total nacional

### Biometano

#### O que é

Gás semelhante ao natural, usado em energia e transporte

### Matérias-primas no RS

Dejetos de aves, suínos e bovinos + resíduos urbanos

### Capacidade prevista

100.000 M<sup>3</sup> /dia

## HIDROGÊNIO VERDE: A NOVA FRONTEIRA

Segundo a consultoria McKinsey, contratada pelo governo do estado, o desenvolvimento de uma indústria de hidrogênio verde no Rio Grande do Sul tem potencial para gerar 41.000 empregos diretos e adicionar 62 bilhões de reais ao Produto Interno Bruto do estado até 2040.

Ainda há um longo caminho para chegar lá, mas os primeiros passos são bastante promissores. Os projetos de hidrogênio verde em andamento no estado já somam quase 900 milhões de reais, o que inclui uma unidade da Refinaria Riograndense que poderá produzir combustível sustentável de aviação (SAF) e diesel renovável a partir de 2027, com um investimento de 750 milhões de reais.

Outro projeto é o da Begreen Bioenergia, que prevê a construção de duas fábricas em que o hidrogênio verde será destinado à produção de fertilizantes nitrogenados líquidos, com um investimento previsto de 130 milhões de reais. Para uma das fábricas, prevista para ser instalada em Passo Fundo, os investidores já obtiveram a licença ambiental prévia. “Pretendemos começar as obras no primeiro trimestre de 2026 e começar a operar no ano seguinte”, diz Luiz Paulo Hauth, diretor de tecnologia da Begreen. A outra fábrica está projetada para o município de Tio Hugo.

Para incentivar o desenvolvimento dessa indústria e fomentar novos projetos, o governo gaúcho criou um programa de incentivo que vai investir 100 milhões de reais em novas empresas. Um edital no primeiro semestre do ano chamou o setor privado para apresentar seus projetos na área. Os selecionados podem receber até 30 milhões de reais em subvenções — a contrapartida é que eles já tenham aplicado ou estejam aplicando valores equivalentes a 30% do valor a ser sub-





Lavouras de soja em colheita [acima] e em desenvolvimento [abaixo]:  
redução de 50% nas emissões de carbono



vencionado. “Essa condição é importante porque queríamos selecionar projetos mais maduros”, diz a secretária Marjorie Kauffmann. Dos 16 projetos apresentados, 11 foram aprovados do ponto de vista técnico, passando para a fase seguinte, em que está sendo avaliada a viabilidade econômico-financeira. “Ao final do processo, acredito que teremos três ou quatro projetos indo adiante”, diz Kauffmann.

Os demais projetos em análise têm outros destinos para o hidrogênio verde, como a geração de energia ou o uso como combustível. O que a maioria tem em comum é que são destinados ao consumo na própria economia do Rio Grande do Sul. “A exportação de hidrogênio verde é uma possibilidade, mas ainda há fatores técnicos que tornam essa operação mais complicada”, afirma Ernani Polo, secretário de Desenvolvimento Econômico. “Inicialmente, o mercado interno é mais interessante e viável.”

**A INDÚSTRIA  
DE HIDROGÊNIO  
VERDE TEM  
POTENCIAL  
PARA GERAR  
CERCA DE 41.000  
EMPREGOS  
E ADICIONAR  
62 BILHÕES DE REAIS  
AO PIB DO RIO  
GRANDE DO SUL  
ATÉ 2040**

Segundo a McKinsey, a demanda gaúcha pode chegar a 600.000 toneladas até 2040, uma pequena parte das 9 milhões de toneladas que o mercado brasileiro demandará até lá. O que a Begreen tem de particular é o seu potencial para tornar a agricultura mais sustentável. Os fertilizantes nitrogenados são amplamente usados em cultivos tradicionais no Rio Grande do Sul, como arroz, milho e trigo. Aproximadamente três quartos dos nitrogenados aplicados nos campos brasileiros são importados — e sua produção quase sempre depende de fontes de energia fóssil, como petróleo ou gás natural.

### A FORÇA DOS RESÍDUOS

Uma das consequências da transição energética do Rio Grande do Sul é a criação de um novo tipo de agroindústria. E o setor que mais se destaca nesse aspecto é o de produção de biocombustíveis, que surgem na esteira de políticas públicas que aumentam a concentração de óleos vegetais ou etanol na gasolina e no diesel. Novas usinas de biocombustíveis pululam pelo estado e ocupam espaço ao lado de atividades tradicionais, como frigoríficos, laticínios e processadores e beneficiadores de grãos. A expansão dos biocombustíveis tem uma vantagem: como fontes de energia renovável, contribuem para neutralizar as emissões de CO<sub>2</sub> da agropecuária.

Um dos exemplos mais bem estabelecidos é o do biodiesel, um biocombustível produzido a partir de óleos vegetais, como o de soja, ou outras fontes de gordura, como a que sobra da produção de carne nos frigoríficos. A lei do combustível do futuro, aprovada em âmbito nacional em 2024, prevê que a mistura de biodiesel ao óleo diesel, hoje em 15%, deverá alcançar 20% até 2030 e poderá atingir 25% a partir de 2031. De olho na demanda

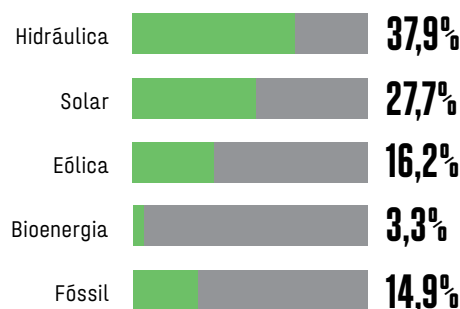


FERNANDO DIAS / SEAPI

Soja irrigada: a agricultura gaúcha contribui para a transição energética

## ENERGIA RENOVÁVEL NO RIO GRANDE DO SUL

Matriz elétrica atual (2025)



**85%** da potência instalada (12,2 GW) já é de fontes renováveis

contratada, o Rio Grande do Sul produziu cerca de 2 milhões de metros cúbicos de biodiesel em 2024, o equivalente a quase 22% da produção brasileira, rivalizando com Mato Grosso no posto de maior produtor brasileiro desse biocombustível, que usa sobretudo o óleo de soja como insumo. É um feito e tanto, considerando que a área plantada de soja matogrossense é quase duas vezes maior do que a gaúcha, segundo a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab).

A Be8, maior indústria brasileira de biodiesel, também está investindo na construção de uma usina que usará o trigo como matéria-prima para a produção de etanol. É um investimento importante para resolver um dilema que os



# NOVAS USINAS DE ETANOL VÃO ABRIR UM NOVO MERCADO PARA O TRIGO E MELHORAR AS CONDIÇÕES DOS AGRICULTORES

agricultores gaúchos costumam enfrentar após a colheita da safra de verão. Plantar trigo é uma opção para fazer uma segunda safra e melhorar a rentabilidade. Só que os riscos são relativamente altos: o excesso de chuva durante o período de colheita na primavera, o que acontece com frequência, prejudica a qualidade, impede que o trigo seja usado na produção de farinha para panificação e reduz o mercado. É justamente esse trigo de baixa qualidade que pode ser usado pela indústria de etanol. “É um caminho para aumentar a safra de inverno e melhorar as condições dos agricultores”, diz o secretário Ernani Polo.

Um bom exemplo do tipo de transição energética e de industrialização que está sendo incentivado na cadeia do agronegócio gaúcho é o do grupo familiar composto da transportadora Reiter Log e da empresa agropecuária Estância Del Sur que, juntas, faturaram 2 bilhões de reais nos últimos 12 meses.

O grupo se prepara para investir 120 milhões de reais na usina de biometano Geo Del Sur, que será construída em Capão do Leão, no sul do Rio Grande do Sul, em sociedade com a empresa paranaense Geo Biogás. Nessa usina, os dejetos de parte dos rebanhos bovinos mantidos pela Estância Del Sur vão ser processados para produzir biometano, que pode ser usado para abastecer os caminhões da Reiter Log — 100% da frota da empresa hoje é composta de veículos elétricos ou biometano. O que sobra do processamento do biometano é um biofertilizante que será usado para adubar as lavouras de milho que a Estância Del Sur cultiva para alimentar o gado (só no primeiro semestre de 2025, a empresa movimentou 90.000 cabeças nas propriedades situadas em seis municípios do Rio Grande do Sul).

O projeto foi incluído no programa Empreender RS, criado pelo governo gaúcho para apoiar a exportação e incentivar a indústria. Quando estiver em plena operação, a usina terá capacidade de produzir 800.000 metros cúbicos de biometano por mês e 24.000 toneladas de adubo — as licenças ambientais prévias para o empreendimento foram concedidas pelo governo do estado em julho. A ex-

pectativa é que o início da operação seja em 2027. Um dos objetivos do projeto é contribuir para que a Reiter Log atinja a meta de utilizar combustíveis alternativos em 100% da sua frota até 2035. Atualmente, o biometano corresponde a 35% do combustível utilizado na frota a gás da empresa. “Hoje temos a maior frota de caminhões a gás do mundo e a frota mais sustentável do Brasil”, diz Vanessa Reiter Pilz, diretora de ESG da Reiter Log. “Com a usina de biometano, vamos produzir nosso próprio combustível e garantir uma economia 100% circular. E o que era resíduo vai virar energia.”

A ampliação da oferta de hidrogênio verde e de biometano será importante para descarbonizar tanto a agropecuária quanto o setor de transportes — hoje a atividade do Rio Grande do Sul mais dependente dos combustíveis fósseis e que, sozinha, concentra praticamente dois terços das emissões de gases de efeito estufa no estado.

O desenvolvimento da indústria de hidrogênio verde, por sua vez, poderá reduzir as emissões gaúchas em 8,4 milhões de toneladas nos próximos 15 anos, segundo o estudo da McKinsey. No caso do biometano, um levantamento do governo estadual estima um potencial de aproveitamento de 80 milhões de toneladas por ano de resíduos da agricultura e da pecuária. Seria o suficiente para suprir quase o dobro da demanda gaúcha de gás natural com uma fonte totalmente renovável — sem contar os resíduos sólidos urbanos, que também podem ser usados para gerar biometano. “Acreditamos que o Rio Grande do Sul tem tudo para ser um case de sucesso na transição energética”, diz Kauffmann. Os resultados já são evidentes e, no caminho certo, transformarão a força do campo em combustível para o futuro. ●

## O QUE VEM AÍ

Usinas hidrelétricas em licenciamento

139

projetos  
823 MW de  
potência instalada

Usinas eólicas (onshore + offshore) em licenciamento

81

projetos  
95,2 GW de  
potência instalada

# CONECTADO AO BRASIL,

Município de Muçum [RS]: km 88 da ERS-129 foi recuperado em caráter de urgência em 2024, ano de investimento recorde do estado em rodovias



DIVULGAÇÃO

# PRONTO PARA O MUNDO

No Rio Grande do Sul pós-catástrofe, investimento em infraestrutura acelera retomada e atrai capital privado

CÂSSIA ZANON





## **COLAPSO DA PONTE SOBRE O RIO FORQUETA,**

entre os municípios de Lajeado e Arroio do Meio na ERS-130, se tornou um dos símbolos da maior catástrofe climática do Rio Grande do Sul. A estrutura, que suportava mais de 50.000 veículos por mês, foi arrasada pelas águas em 2 de maio de 2024, isolando comunidades e cortando uma conexão estratégica para a economia regional. Sua ausência gerou atrasos e aumentou custos no escoamento de leite, hortifrutigranjeiros e proteína animal, afetando também comércios locais e o turismo. A área afetada, o Vale do Taquari, é uma conexão estratégica a cerca de 120 quilômetros de Porto Alegre, entre a região metropolitana e a serra. Num cenário de mais de 8.000 quilômetros de estradas estaduais danificadas e 10 pontes inutilizadas, a inauguração da nova ponte, em abril deste ano, foi considerada pelo governo como a concretização do processo de reconstrução pós-enchentes. “Somente em 2024, foram investidos mais de 1,7 bilhão de reais do Tesouro do Estado em estradas, volume 11 vezes maior do que os 150 milhões de reais que o Daer investiu anualmente entre 2010 e 2020”, diz à EXAME o secretário de Logística e Transportes, Juvir Costella.

Com recursos do Fundo do Plano Rio Grande (Funrigs) e da iniciativa privada, o estado se reorganizou para uma nova etapa de recuperação com o objetivo de construir infraestrutura resiliente e à prova de futuras enchentes. A reestruturação do sistema

logístico é considerada fundamental para alavancar o PIB, aumentar a produtividade e fortalecer a competitividade regional. O Plano Rio Grande, liderado pelo governador Eduardo Leite, prevê 40 bilhões de reais em investimentos em rodovias, saneamento, mobilidade, saúde e educação. Desse montante, 20 bilhões de reais vêm de concessões e Parcerias Público-Privadas (PPPs).

Ainda em 2025 deverá ocorrer o leilão do bloco 2 de rodovias, que prevê 5,8 bilhões de reais e inclui 415 quilômetros de estradas entre Erechim, no norte gaúcho, e Venâncio Aires, no Vale do Rio Pardo, passando por cidades-chave como Passo Fundo, Muçum e Lajeado. O trecho é estratégico por ligar áreas produtoras do interior ao eixo que leva à capital e aos portos. O bloco 1, que contempla rodovias da região metropolitana ao litoral norte, terá cerca de 6,5 bilhões de reais e deve ir a leilão no primeiro semestre de 2026. Entre as inovações contratuais estão cobrança via free flow, camadas drenantes, alteamento de pontes e planos de mitigação de riscos geotécnicos.

A capacidade de investimento é recente. Desde 2020, a gestão estadual promoveu reformas administrativas, previdenciárias e fiscais que reorganizaram as finanças e abriram espaço para aportes robustos. Segundo o governo, o ajuste criou ambiente de negócios mais previsível, contribuindo para atrair mais de 100 bilhões de reais em 2024. Um dos protagonistas é a Invest RS, Agência de Desenvolvimento do estado que busca atrair capital para o Plano de Desenvolvimento Econômico, Inclusivo e Sustentável. A meta é dobrar a taxa de crescimento do PIB, de 1,5% para 3% ao ano, e aumentar a produtividade em 20% até 2030. Para isso, o aperfeiçoamento de logística e energia é visto como essencial. Após as cheias, a malha rodoviária passa por recuperação consistente, com mais de 2,8 bilhões de reais já investidos em estradas, pontes e hidrovias. Um total de 432 milhões de reais foi aplicado emergencialmente para liberar 94% das rodovias estaduais.

O desafio agora é manter qualidade e durabilidade. Para isso, Costella relata que as obras seguem o conceito de resiliência climática, com base em estudos do Instituto de Pesquisas Hidráulicas (IPH) da UFRGS. “Estabelecemos a diretriz de que as obras de reconstrução devem ser projetadas, pensadas e executadas levando em consideração um caráter preventivo”, afirma o secretário. Isso inclui substituição e elevação de pontes, viadutos e bueiros e criação de rotas alternativas para mobilidade em emergências.

## **PORTOS, AEROPORTOS E FERROVIAS**

O sistema portuário gaúcho, que inclui os portos públicos de Rio Grande, Pelotas e Porto Alegre e 22 instalações privadas, é um dos motores da economia regional. Gerenciado pela empresa pú-

Foto de maio de 2024 mostra ponte destruída no Vale do Taquari: nova travessia ficou pronta em menos de um ano



blica Portos RS, é o maior movimentador de cargas do Sul e o quinto do país. Com média anual de 45 milhões de toneladas, é essencial para o escoamento da produção e conexão com o comércio.

As enchentes de 2024 paralisaram o Porto de Porto Alegre por dois meses e o de Pelotas por 15 dias. O Porto do Rio Grande continuou operando. Para reparar os danos, o governo destinou 40 milhões de reais à estrutura da capital. Paralelamente, investiu 731 milhões de reais via Portos RS, sendo 691 milhões em dragagem e batimetria no Porto de Rio Grande.

A malha ferroviária gaúcha tem 3.823 quilômetros, mas antes das enchentes só 1.680 eram operacionais. Após a calamidade, restaram 921 quilômetros. As cheias interromperam o transporte de líquidos e a conexão férrea com o país. A concessão federal da Malha Sul, operada desde 1997 pela Rumo, enfrenta desafios como falta de modernização e lentidão média de 12 quilômetros por hora — a quarta menor do Brasil. A movimentação de cargas por trens caiu quase 50% em 18 anos.

Preocupado com a proposta da Rumo de reduzir a malha, o governo gaúcho se uniu aos demais integrantes do Codesul (Santa Catarina, Paraná e Mato



FOTOS: DIVULGAÇÃO

## SÍMBOLO DA RECONSTRUÇÃO

A ponte sobre o Rio Forqueta, na ERS-130, entre Lajeado e Arroio do Meio, foi substituída por uma estrutura prevista para resistir a novos eventos climáticos



5

metros mais alta do que a anterior



512

metros de extensão (51 metros a mais que a anterior)



Grosso do Sul) para defender o modal ferroviário. Estudos técnicos foram apresentados, mas não considerados pela concessionária. Os estados buscam reuniões em Brasília com órgãos federais como a Secretaria Nacional de Transportes Ferroviários, o Dnit, a ANTT, o Ministério dos Transportes e o TCU.

Além do transporte de cargas, uma iniciativa inédita promete influenciar o turismo: a ferrovia de passageiros entre Porto Alegre e Gramado. O projeto da SulTrens prevê 138 quilômetros de trilhos e 13 estações em trajeto de uma hora. O aporte, de 4,5 bilhões de reais, será integralmente privado, com previsão de operação em sete anos. A SulTrens é formada pela RG2E Engenharia Consultiva, STE Engenharia e BF Capital.

No modal aéreo, o estado enfrentou um trauma: as enchentes interditaram o Aeroporto Salgado Filho, administrado pela alemã Fraport, que só voltou a operar plenamente em dezembro. O caso levou o governo a fortalecer aeroportos do interior como alternativa. Mais de 36 milhões de reais foram investidos na aviação regional. O Aeroporto Hugo Cantergiani, em Caxias do Sul, recebeu 14 milhões de reais para ampliação do terminal, pista e equipamentos. O Aeroporto Regional de Torres teve 2 milhões de reais para reforma do terminal e compra de equipamentos. Já o de Canela recebeu 1,5 milhão de reais para drenagem

## TREM PORTO ALEGRE-GRAMADO

Números estimados referentes à implantação e operação

**6.500**  
empregos diretos

**15.900**  
empregos indiretos

Estrutura prevista

**138 KM**  
de trilhos

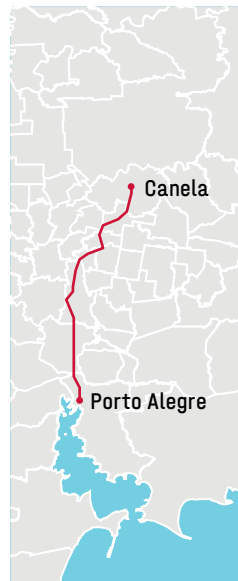
**13**  
estações

**27**  
cruzamentos  
rodoferroviários

**15**  
pontes e viadutos

**9**  
túneis

## PASSARÁ POR 19 MUNICÍPIOS, COM ÁREA DE INFLUÊNCIA EM 22



1. Porto Alegre
2. Canoas
3. Cachoeirinha
4. Gravataí
5. Esteio
6. Sapucaia do Sul
7. São Leopoldo
8. Novo Hamburgo
9. Campo Bom
10. Dois Irmãos
11. Sapiranga
12. Araricã
13. Parobê
14. Taquara
15. Morro Reuter
16. Nova Hartz
17. Igrejinha
18. Picada Café
19. Santa Maria do Herval
20. Três Coroas
21. Gramado
22. Canela

e cercamento. O Plano Rio Grande prevê o leilão dos Aeroportos de Passo Fundo e Santo Ângelo em setembro de 2025, com investimentos de 100 milhões de reais em contratos de 30 anos.

### ENERGIA E INOVAÇÃO

A matriz elétrica do Rio Grande do Sul é um diferencial competitivo — 82% da energia vem de fontes renováveis. A rede de transmissão conta com 11.000 quilômetros de linhas e mais 3.000 em implantação, com novos leilões em andamento. O foco em energia limpa e o clima ameno atraem data centers, que podem operar sem água para refrigeração. Isso ocorrerá com a Scala AI City, em Eldorado do Sul, projeto de 3 bilhões de reais em fase de planejamento.

A infraestrutura de dados do estado também se destaca com o cabo submarino Malbec, que expande a comunicação no Brasil e em países vizinhos como Argentina, Chile, Paraguai e Uruguai. Hoje, ele conecta Rio de Janeiro, São Paulo e Buenos Aires, mas terá um novo trecho de 280 quilômetros até Balneário Pinhal, onde será instalada uma estação de aterragem. De lá, uma rota subterrânea levará a conexão a Porto Alegre — será a primeira vez que um cabo internacional chegará ao Rio Grande do Sul. A obra, parceria entre Vtal e Meta, tem conclusão prevista para 2027.

Como se vê, os gaúchos aceleram para garantir as bases — e a infraestrutura — para uma economia mais dinâmica e eficiente. ●

**10,7**

metros de largura, com duas pistas de tráfego e passagem para pedestres e ciclistas

**234**

toneladas de aço

**2.227**

metros cúbicos de concreto em sua construção

# QUANDO A TRADIÇÃO

Erva-mate:  
ingrediente essencial  
para o famoso  
chimarrão, produto  
que é exportado do  
Rio Grande do Sul  
para diversos países





Agricultura familiar movimenta a economia gaúcha com produtos e narrativa cultural que ampliam a competitividade dos empreendedores locais

SORAIA ALVES

**CAMINHAR PELOS PAVILHÕES DA EX-POINTER É MERGULHAR** na diversidade de produtos gaúchos que são, antes de tudo, expressão de um território: erva-mate, queijos, laticínios, embutidos, vinhos, geleias e itens de couro são alguns dos destaques do evento, considerado a maior feira agropecuária a céu aberto da América Latina.

Organizada pelo governo do Estado, a Expointer chegou à 48ª edição em setembro, reunindo mais de 2.500 expositores em Esteio, cidade próxima a Porto Alegre. A feira é uma vitrine para muitos produtores, em especial os pequenos. Segundo a Secretaria de Desenvolvimento Rural, em 2023 o estado tinha cerca de 365.000 estabelecimentos agropecuários, dos quais 80,5% eram de agricultura familiar — aproximadamente 294.000 propriedades. Ao todo, cerca de 718.000 pessoas trabalham no campo.

“O Pavilhão da Agricultura Familiar é sempre o mais visitado da Expointer. Neste ano, reunimos 456 pequenos produtores, muitos deles premiados internacionalmente. Além da qualidade, chama atenção a narrativa que esses itens carregam. Um trabalho que, muitas vezes, passa de geração para geração e valoriza a autenticidade gaúcha”, afirma Vilson Covatti, secretário de Desenvolvimento Rural do RS.

Para mensurar o impacto do chamado tradicionalismo gaúcho na economia local, a Universidade Feevale, em parceria com o governo, mapeou setores da agroindústria, turismo, gastronomia e cultura. O resultado mostra que, entre julho de 2023 e abril de 2024, o tradicionalismo movimentou cerca de 4,5 bilhões de reais no PIB estadual.

“A tradição, a cultura do trabalho no campo e a qualidade reconhecida mundialmente reforçam

a confiança do consumidor. A identidade gaúcha pode, sim, ser um diferencial competitivo para os produtos do estado”, afirma Edilson Brum, secretário da Agricultura, Pecuária, Produção Sustentável e Irrigação do Rio Grande do Sul.

#### **QUALIDADE CERTIFICADA**

Brum reforça que estratégias como marketing territorial, certificações de origem e qualidade, e narrativas que conectam o consumidor à cultura gaúcha, fortalecem a competitividade em mercados dentro e fora do Brasil. “Os selos de procedência dos produtos têm um papel fundamental na valorização de vinhos, queijos e outros produtos locais porque funcionam como uma garantia de origem e qualidade. No caso do Rio Grande do Sul, esses selos reforçam a identidade regional, posicionam produtos em faixas de maior valor agregado e ampliam o interesse internacional”, explica.

A Agroindústria Zago, de Hulha Negra, na região de Bagé, é um exemplo de negócio que cresceu com o atestado sulista de qualidade. A

# VIRA NEGÓCIO



Sueli e Zair Zago, proprietários da Agroindústria Zago: queijos artesanais produzidos pela família têm sido premiados desde 2021

EDUARDO FRAZÃO/EXAME

empresa familiar surgiu em 2021, quando Sueli Dreher Zago, o marido, Zair, e as filhas, Milena e Dayza, decidiram transformar o leite produzido havia anos em queijos, requeijão e doce de leite. “Na época, a minha filha mais velha estava se formando em agronomia e tivemos a ideia de criar uma agroindústria para agregar valor ao que já produzíamos”, conta Sueli. As sucessivas premiações em diferentes feiras e concursos, com medalhas de ouro e prata na categoria queijo colonial, abriram portas para novos clientes. “Esses prêmios atestam que o queijo é diferenciado e que a qualidade que entregamos vem de um trabalho totalmente artesanal”, afirma a empreendedora. ●



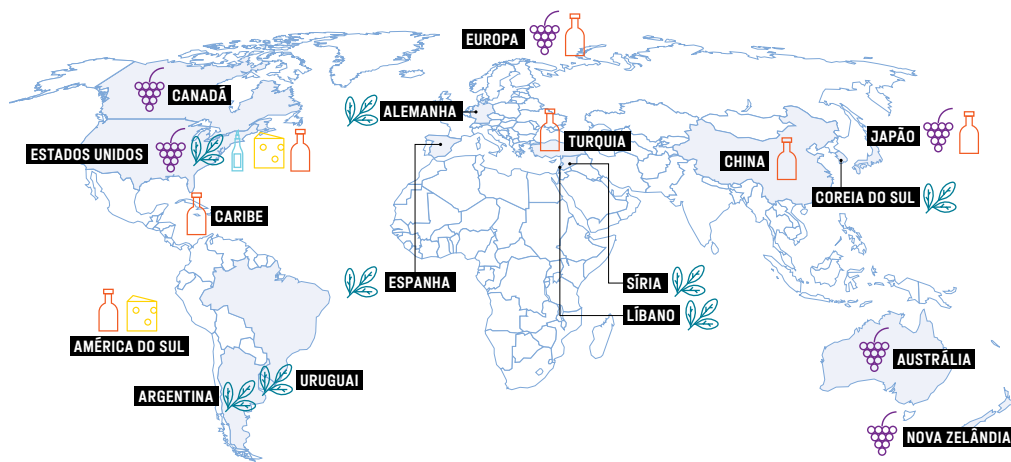
EDUARDO FRAZÃO

Daniela Zottis, proprietária da Casa Zottis: apesar do reconhecimento e das premiações recebidas nos últimos anos, o plano é manter o negócio sempre em família



## EXPORTANDO SABORES

Diversos produtos gaúchos já conquistaram paladares e mercados exigentes ao redor do mundo, transformando a identidade cultural do estado em moeda de exportação



### VINHOS E ESPUMANTES

**Destinos:** Austrália, Canadá, Estados Unidos, Europa, Japão e Nova Zelândia

**Destaque:** maior exportadora de vinhos finos do Brasil, a Miolo Wine Group está presente em cerca de 30 países. Já a Salton, fundada em 1910 por imigrantes italianos na região de Bento Gonçalves, lidera o mercado nacional de espumantes desde 2005 e, nos últimos cinco anos, exportou quase 6 milhões de garrafas para 32 países.



### ERVA-MATE

**Destinos:** Alemanha, Argentina, Coreia do Sul, Espanha, Estados Unidos, Líbano, Síria e Uruguai

**Destaque:** marcas tradicionais, como Rei Verde, Barão e Baldo, são grandes exportadoras de mate para os mais de 120 países que importam o produto do Brasil. O estado tem 14.000 produtores e 250 indústrias de mate. Em 2023, as 3,48 toneladas exportadas geraram 7,5 milhões de dólares.



### AZEITE DE OLIVA

**Destino:** Estados Unidos  
**Destaque:** primeira marca brasileira a exportar azeites de oliva, a Prosperato tem na Flórida um mercado expoente. A conquista veio depois do interesse proativo dos compradores. Algo semelhante acontece com a Estância das Oliveiras, fazenda familiar que soma mais de 250 medalhas e recentemente recebeu uma comitiva com 13 integrantes vindos de países como Canadá, Holanda, Japão e Taiwan, interessados em fazer negócios com a empresa.



### QUEIJOS PREMIUM

**Destinos:** América do Sul e Estados Unidos  
**Destaque:** direto de Vacaria, a RAR exporta o Gran Formaggio, o primeiro queijo tipo grana produzido fora da Itália. Depois de alguns anos enviando o produto para países da América do Sul, como Chile e Paraguai, em 2024 a empresa entrou no mercado americano com um envio de 700 quilos de queijo para Miami.



### CACHAÇA

**Destinos:** América do Sul, Caribe, China, Estados Unidos, Europa, Japão e Turquia  
**Destaque:** principal exportadora da cachaca sulista, a Weber Haus, fundada em 1948 e sediada em Ivoti, começou a expandir internacionalmente em 2006, enviando produtos para Bermudas, EUA e Porto Rico. Hoje, a cachacaria leva a bebida para 32 países. Com uma história mais recente, a destilaria Mandelli, de São Vendelino, se destacou em 2024 ao enviar a sua primeira remessa de cachacas para os EUA.

## DIRETO DO PORÃO DE CASA

A Vinícola Casa Zottis, localizada no famoso Vale dos Vinhedos, na cidade de Bento Gonçalves, é mais um exemplo de tradição familiar que virou negócio. A empresa é liderada pelo casal Daniela e Juliano Zottis. Ela é enóloga, profissão que escolheu depois de aprender a fazer vinhos com o pai, na cidade de Garibaldi. Ele é viticultor, e aprendeu a cultivar uvas com o pai e o avô, que em 1974 adquiriu a propriedade na qual fica a vinícola. "A família sempre foi fornecedora de uvas para vinícolas da região. Em 2014, começamos a comercializar as frutas para consumo *in natura*. Os clientes vinham comprar uvas e acabavam provando o vinho produzido no porão da nossa casa, que era apenas para o consumo familiar", conta Daniela.

Para agradar a clientela, a produção aumentou de 600 litros em 2015 para 6.000 litros em 2020. O crescimento exigiu adaptações para atender a normas sanitárias e ambientais. Segundo a proprietária, as mudanças foram possíveis com apoio do Programa Estadual de Agroindústria Familiar (Peaf), que ajuda na formalização de pequenos negócios. Hoje, a Casa Zottis produz 14.000 litros por ano, com 28 rótulos que incluem espumantes e sucos. Entre as premiações da vinícola estão a medalha de ouro no Concurso Brasileiro de Vinho de Mesa, com duas variedades de uvas desenvolvidas pela Embrapa, além de prêmios na Argentina e no Wine Awards Brasil.

# FOGO DE CHÃO, VINHO, CÂNIONS, PAMPAS, LUXO...

Novos investimentos e diversidade de atrações consolidam o Rio Grande do Sul como destino turístico para todas as idades e propósitos

DANIEL SALLES





Parque Estadual do Caracol:  
com atrações como a cascata  
com queda d'água de 131  
metros de altura, o espaço é  
um dos principais cartões-  
postais da Serra Gaúcha



# U

## **MA CARNE FEITA NO FOGO DE CHÃO. UM PASSEIO A CAVALO**

que se finda em uma taça de vinho admirando o pampa gaúcho. Um pôr do sol alaranjado — e único — na orla do Rio Guaíba, na capital Porto Alegre. Ou uma visita a cânions com penhascos de mais de 1.000 metros. Foi com essa exuberância de destinos, experiências e paisagens — são 285 cidades turísticas por lá — que o Rio Grande do Sul atraiu 1,2 milhão de turistas internacionais ao estado de janeiro a maio de 2025, o segundo que mais recebeu estrangeiros a passeio no Brasil. O número é comemorado pelo governo gaúcho, que há um ano e meio lidava com a maior tragédia climática de sua história. “Desde o fim das enchentes, temos acompanhado uma retomada consistente, impulsionada por ações coordenadas de reconstrução, investimentos em promoção do destino e esforços para restabelecer a conectividade aérea e rodoviária”, afirma Ronaldo Santini, secretário de Turismo do Rio Grande do Sul. O desafio para um dos estados com maior riqueza cultural, natural e gastronômica do Brasil é ampliar seu alcance global e nacional — e se firmar como destino obrigatório no país. A favor dos gaúchos: investidores internacionais, como Club Med e Hard Rock Hotel, e brasileiros já investem bilhões de reais em empreendimentos no estado.

O caso do grupo Manda Brasa ilustra o bom momento vivido pelo setor turístico local. Quase um ano e meio depois das enchentes de 2024, o segmento mostra resiliência e capacidade de se reinventar. A companhia, que teve prejuízo de quase 10 milhões de reais após a inundação do complexo Cais Embarcadero, em Porto Alegre, não demorou a retomar os planos de crescimento. A reabertura do restaurante 20barra9, em novembro passado, foi o primeiro passo. E a reinauguração, em junho deste ano, do restaurante 1835 Carne e Brasa, em Canela, cidade encravada na serra gaúcha a 100 quilômetros da capital, é a prova de que o futuro se mostra promissor.

O restaurante faz parte do monumental complexo imobiliário Kempinski Laje de Pedra, cujo valor geral de vendas (VGV) atingiu 1,6 bilhão de reais e que trará ao Brasil a primeira unidade da

DIVULGAÇÃO SETUR



DIVULGAÇÃO SETUR



Rota das Hortênsias: região na Serra Gaúcha oferece opções culinárias como fondue e café colonial

## O CHARME DO INVERNO GAÚCHO

Se há um estado que tem todas as condições para receber turistas no inverno é o Rio Grande do Sul — e não só pela intimidade dos gaúchos com o churrasco ou pela enorme oferta de vinícolas. Habituada a temperaturas mais baixas, a região tem hotéis de sobra com boa estrutura para enfrentar o frio, além de uma porção de atrações apropriadas para o inverno. Tome, como exemplo, a chamada Rota das Hortênsias. Conecta cidades como Gramado, com suas ruas floridas e lojas de chocolate artesanal, e São Francisco de Paula, cercada por araucárias e lagos.

De olho nisso tudo, o governo estadual lançou, em agosto, a campanha “Viva o Inverno Gaúcho”. Com ações previstas até setembro, a iniciativa tem o propósito de consolidar o Rio Grande do Sul como um dos destinos do país mais procurados nos meses mais frios, especialmente entre maio e setembro. O público-alvo? Moradores de outros estados e os próprios gaúchos. A campanha faz parte do Plano Rio Grande, programa estadual que visa reconstruir o Rio Grande do Sul. Ela deu origem ao selo “Viva o Inverno Gaúcho”, que pode ser usado por hotéis, restaurantes e demais estabelecimentos interessados em fomentar o turismo na estação mais fria do ano.

luxuosa bandeira alemã. O empreendimento prevê hotel, condomínio de propriedade compartilhada e uma estrutura completa de lazer, com inauguração prevista para 2027. “É uma honra fazer parte de um novo polo do luxo no Rio Grande do Sul”, diz Márcio Kremer Callage, do Manda Brasa. “Construímos um restaurante que fica na memória e que já se transformou em destino. Com a inauguração do Kempinski, o turismo de alta renda na região vai aumentar ainda mais. As perspectivas para o futuro do grupo, portanto, são as melhores possíveis.”

A Serra Gaúcha, região conhecida pelas tradições alemãs, italianas e pelo vinho de

qualidade, tem vocação para o luxo e a gastronomia. Mas, como mostram as fotos e a abertura desta reportagem, o Rio Grande do Sul também se destaca pela variedade de experiências que oferece. Para as famílias, Gramado abriga o Snowland, primeiro parque de neve indoor das Américas, onde crianças e adultos podem brincar na neve durante todo o ano. Em Canela, o destaque é a Skyglass, plataforma de vidro suspensa a 360 metros de altura sobre o Vale da Feradura — atração que combina adrenalina e uma vista panorâmica de tirar o fôlego.

O ecoturismo também tem vez em destinos como os câniões de Cambará do Sul, nos

Campos de Cima da Serra, e o Geoparque Quarta Colônia, reconhecido pela Unesco. Já a Costa Doce convida a explorar lagoas e praias ainda pouco conhecidas, enquanto a Região das Missões preserva o patrimônio histórico-cultural do período jesuítico que completa 400 anos em 2026. Para os apaixonados por vinhos, o enoturismo continua em franca expansão, com vinícolas que unem tradição e inovação.

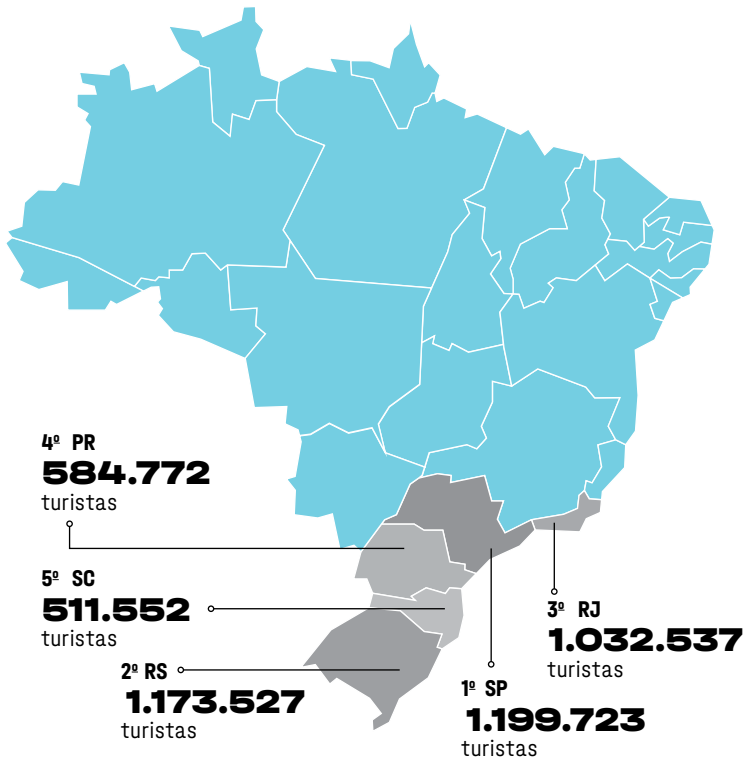
### O TURISMO EM RETOMADA

Os números confirmam o bom momento. No primeiro semestre de 2025, a atividade turística no estado cresceu 9,4%, o terceiro maior resultado do país. Em julho, a ocupação



## ONDE O BRASIL MAIS RECEBE TURISTAS

São Paulo e Rio Grande do Sul lideram como principais portas de entrada do país em 2025



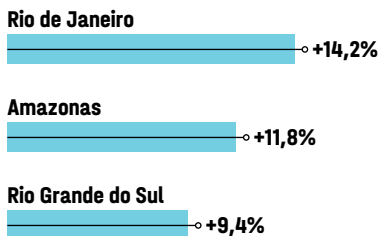
média dos hotéis de Porto Alegre, cidade conectada com países da Europa, da América Central e do Sul, alcançou o melhor patamar desde as enchentes. A campanha nacional lançada em setembro de 2024, que teve investimento de 30 milhões de reais, ajudou a posicionar o Rio Grande do Sul no cenário turístico. Em 2025, ações específicas para o inverno resultaram em 9,2 milhões de intenções de compra de passagens para a região. “Um dado que simboliza bem a retomada é o fato de o Rio Grande do Sul ter sido o estado brasileiro que mais recebeu turistas estrangeiros nos primeiros cinco meses de 2025”, diz Santini, secretário de Turismo. “Ainda estamos em processo de recuperação total e sabemos que ainda há desafios, mas o desempenho do setor, especialmente na Serra Gaúcha, no litoral e nos polos de enoturismo e turismo rural, nos permite projetar um verão de 2026 muito positivo.”

Os setores público e privado têm caminhado juntos no esforço de ampliar os destinos turísticos gaúchos. Lançado em 2022, o programa Avançar no Turismo destinou mais de 200 milhões de reais para obras em todas as regiões turísticas do estado — um volume 13 vezes maior do que o aplicado nos 17 anos anteriores, fruto da recuperação da capacidade de investimento do estado. Os aportes reforçaram acessos, centros de atendimento ao turista, sinalização e revitalização de atrativos públicos, criando uma base sólida para um turismo mais competitivo e estruturado.

Márcio Kremer Callage, sócio-fundador do Manda Brasa: aposta no turismo de luxo em Canela

## OS ESTADOS QUE MAIS CRESCERAM NO TURISMO EM 2025

Ranking traz os destaques do primeiro semestre



Fontes: Secretaria de Turismo, IBGE, Embratur e Ministério do Turismo.

PEDRO LOCATELLI



Do lado financeiro, o Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul (BRDE) criou o programa Mais Turismo, que impulsiona empreendimentos do ramo com a concessão de crédito para capital de giro e financiamento para obras de modernização e aquisição de equipamentos. Em sintonia com essas iniciativas, o governo estadual lançou em agosto deste ano o programa O Sul Tchê Espera — nome que já traduz o espírito de acolhimento gaúcho. A ação prevê 214 milhões de reais em promoção, inovação e qualificação de empreendimentos turísticos. Desse total, 200 milhões de reais vão diretamente para apoiar empreendedores, com juros vantajosos.

#### NOVOS INVESTIMENTOS

Enquanto esses destinos revelam a diversidade do Rio Grande do Sul, Gramado se prepara para receber um dos maiores projetos turísticos do país: o Club Med, com investimento de 1 bilhão de reais. Em uma área de 36 hectares, o empreendimento francês vai reunir resort, residências, centro de eventos, heli-

## PROGRAMAS QUE IMPULSIONAM O TURISMO

Os setores público e privado têm caminhado juntos para ampliar os destinos turísticos gaúchos

#### AVANÇAR NO TURISMO

**200 milhões de reais**

para obras em todas as regiões turísticas

#### MAIS TURISMO (BRDE)

Financiamento para modernização de empresas do setor

#### "SUL TCHÊ ESPERA"

**214 milhões de reais**

em promoção, inovação e qualificação

## O POTENCIAL TURÍSTICO DO RS EM NÚMEROS

Farta oferta de destinos ajuda a consolidar a retomada dos turistas ao estado

**1,17 milhão**

de turistas internacionais entre janeiro e maio

**9,2 milhões**

de intenções de compra de passagens para o inverno

**2º estado**

com mais regiões (28) e cidades turísticas (285) do Brasil

Skyglass, em Canela: plataforma de vidro suspensa a 360 metros de altura mistura adrenalina com uma vista de tirar o fôlego



DIVULGAÇÃO

Snowland, em Gramado: com 16.000 metros quadrados, parque temático na neve oferece atrações como pista de esqui e snowboard



DIVULGAÇÃO



## NOVOS EMPREENHIMENTOS NA SERRA GAÚCHA

Próximos ao Colline de France — eleito em 2024 o melhor hotel do mundo pelo Traveller's Choice, do Tripadvisor —, investimentos bilionários reforçam a vocação turística da região

**R\$ 1 bilhão**

é o aporte previsto para o novo Club Med de Gramado

**R\$ 1,6 bilhão**

é o VGV do Kempinski Laje de Pedra, em Canela

**LANÇADO EM 2022, O PROGRAMA "AVANÇAR NO TURISMO" DESTINOU MAIS DE 200 MILHÕES DE REAIS PARA A EXECUÇÃO DE OBRAS EM TODAS AS REGIÕES TURÍSTICAS DO ESTADO**

DIVULGAÇÃO



Colline de France: eleito em 2024 o melhor hotel do mundo pelo Traveller's Choice

## HUB INTERNACIONAL

Porto Alegre conecta o RS diretamente a...

**América do Sul**

**Bariloche, Buenos Aires, Lima e Santiago**

**América Central**

**Cidade do Panamá**

**Europa**

**Lisboa**

ponto e até pista de esqui com teleférico. A inauguração, prevista para 2026, promete atrair não só brasileiros, mas também viajantes internacionais.

No sul do estado, outro projeto ganha forma. Conhecido por produzir azeites — sua marca está entre as maiores de azeite do país —, Luiz Eduardo Batalha investe 50 milhões de reais em um novo complexo turístico em Candiota, no sul gaúcho. Batizado de Terroir 31, o projeto surge em meio a lagos e oliveiras das fazendas do empresário e contará com um hotel de 40 bangalôs e um condomínio residencial nos moldes da Fazenda Boa Vista, com 52 lotes de diferentes ta-

manhos. A inauguração está prevista para o próximo ano.

Com experiência prévia na hotelaria — foi criador do Hotel Estância Barra Bonita (SP) e do Aguatativa Resort (PR) —, Batalha também adquiriu uma vinícola vizinha para integrar ao empreendimento. Curiosamente já chamada Batalha, em homenagem à Revolução Farroupilha, a vinícola passou por modernização e promete rótulos de qualidade ainda neste ano. "Transformamos a área de produção da vinícola com equipamentos de alta tecnologia", conta Batalha, que não vê a hora de o Terroir 31 ficar pronto. "Os vinhos deste ano já estão sensacionais." ●



MATEUS MIRANDA/ASCOM SEDUR

# RECONSTRUIR E TRANSFORMAR

Como o Rio Grande do Sul converteu a tragédia em oportunidade rumo a uma economia mais sustentável

ERNESTO YOSHIDA

**AS ENCHENTES QUE CASTIGARAM O RIO GRANDE DO SUL** em 2024 deixaram cicatrizes profundas, mas também abriram caminho para uma reconstrução inédita. Um ano após a tragédia, o estado transformou a urgência em inovação: muitas obras passaram a ser concebidas não apenas como resposta emergencial, mas como parte de um projeto mais amplo de economia sustentável e adaptação climática. “O Plano Rio Grande organiza todas as nossas ações e já investimos mais de 9 bilhões de reais em iniciativas que vão da recuperação de infraestrutura ao fortalecimento da resiliência climática”, diz o vice-governador Gabriel Souza (MDB). O plano consolidou-se como espinha dorsal da transformação, organizando iniciativas que tes-





Programa de desassoreamento de rios: papel estratégico na prevenção a desastres provocados pelas fortes chuvas

tam novos modelos de desenvolvimento para um cenário ambiental mais extremo.

A mudança de paradigma se observa na reconstrução, que agora segue novos parâmetros de segurança climática. “Estamos reconstruindo pontes e rodovias de forma diferente — pontes mais altas e robustas, estradas com melhor drenagem”, diz o vice-governador. Essa abordagem coloca o estado como vitrine nacional de soluções que unem engenharia, adaptação climática e eficiência de recursos. Para Pedro Capeluppi, secretário da Reconstrução Gaúcha, o maior legado do Plano Rio Grande é estrutural. “Reconstruir não é apenas recuperar o que foi perdido, mas transformar o estado em um território mais preparado e resiliente”, afirma. “Isso exige uma mudança de cultura que envolva toda a sociedade.”

O plano atua em múltiplos eixos. Na preparação, o estado investe em ciência, tecnologia e gestão de risco para ampliar sua capacidade de antecipar desastres. Foram adquiridos três novos radares meteorológicos, iniciados estudos de batimetria (medição da profundidade) dos rios e desenvolvido um modelo digital de terreno para mapear áreas vulneráveis. Houve também fortalecimento das Defesas Civis. “Quadruplicamos o efetivo estadual e investimos 1 bilhão de reais em equipamentos, helicópteros, embarcações e treinamento das equipes municipais”, afirma Capeluppi. A formação de agentes locais e a aquisição de tecnologia são vistas como alicerces de uma resposta ágil a eventos extremos.

No eixo da infraestrutura, cerca de 3 bilhões de reais estão sendo aplicados na reconstrução de rodovias, com foco em drenagem, contenção de encostas e prevenção de isolamento regional. Sistemas de proteção contra cheias, como diques e casas de bomba, também estão

sendo recuperados, com 400 milhões de reais já destinados. Na área da habitação, foram entregues mais de 600 unidades provisórias equipadas, até que as moradias definitivas fiquem prontas. A governança da reconstrução foi reformulada. O governo criou um conselho dentro do Plano Rio Grande com participação da sociedade civil, municípios, Academia e setor privado. “Realizamos reuniões periódicas com diferentes setores da sociedade para ouvir sugestões, críticas e acompanhar a execução das ações”, diz Gabriel Souza.

#### O PAPEL DO SISTEMA FINANCEIRO

Parte essencial dessa equação é garantir que os recursos cheguem à ponta, respeitando a necessidade de capilarizar as verbas em um estado com 497 municípios. O presidente do Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul (BRDE), Ranolfo Vieira Júnior, destaca a rápida atuação do banco, que ofereceu suspensão de pagamentos, ampliação de crédito e novas linhas emergenciais. Foram renegociados 1,4 bilhão de reais em contratos, disponibilizados 400 milhões de reais para empresas inovadoras e 50 milhões de reais para o turismo. Segundo Vieira Júnior, o BRDE oferece condições diferenciadas para projetos sustentáveis. “Cerca de 82% das nossas operações estão alinhadas aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável [ODS], o que se reflete em linhas de crédito com prazos e juros mais vantajosos — inclusive em moeda estrangeira — para iniciativas como geração de energia renovável, eficiência energética, recuperação de solos, tratamento de resíduos e inovação”, afirma. Na mesma linha, o presidente do Badesul, Claudio Gastal, afirma que a agência gaúcha de fomento contratou 290 milhões de reais para obras em 44 municípios afetados e mais de 580 milhões de reais para projetos empresariais. “Criamos uma linha com prazos maiores e taxas reduzidas chamada Badesul Cidades + Verdes, voltada para projetos municipais que incorporem soluções baseadas na natureza, com foco em infraestrutura resiliente”, diz Gastal.

Por fim, e não menos importante, o governo aposta na educação como pilar da transformação cultural. Os currículos escolares estão sendo revisados para incluir formação em prevenção de riscos e resposta a emergências. “Queremos que as crianças cresçam sabendo reconhecer ameaças e agir com consciência. Países como Japão e Estados Unidos são referências nesse campo, e queremos seguir esse caminho”, afirma Capeluppi. Mais do que reagir a uma tragédia, o Rio Grande do Sul se tornou um laboratório vivo de economia verde, onde soluções inovadoras encontram aplicação imediata, financiamento adequado e articulação institucional. “Nenhum país do mundo se adaptou completamente a eventos extremos em um ano”, diz Capeluppi. “Precisamos garantir que esse processo continue, independentemente do governo do momento.” ●



Santana do Livramento, RS

## A ALMA DO PAMPA, PELAS LENTES DE TADEU VILANI

Nascido em Santo Ângelo, no interior do Rio Grande do Sul, e com 25 anos de carreira no jornal *Zero Hora*, o premiado fotojornalista Tadeu Vilani acaba de lançar o livro *Tentos de luz*, resultado de 15 anos registrando o Pampa gaúcho. Acostumado à urgência da notícia, ele diz ter aprendido, nessas andanças, a “escutar o silêncio”, transformando suas imagens em um gesto de gratidão às paisagens e às pessoas da região. “Fotografar o Pampa não é apenas registrar paisagens. É um compromisso com a memória”, diz ele. ●



➤ **Invista no Rio Grande do Sul. O mercado gaúcho vai retribuir com grandes resultados.**



A Invest RS conecta investidores com o Rio Grande do Sul, um Estado que tem base produtiva estabelecida, preparada para receber empresas nacionais e globais. Procure logo a Invest RS.

É hora de investir  
no Estado com as  
melhores condições  
para crescer.

Entre em  
contato  
conosco:



 [investrs.org.br](https://investrs.org.br)

 **invest.RS**  
PROMOÇÃO E  
DESENVOLVIMENTO  
DO ESTADO

 **GOVERNO  
DO ESTADO  
RIO  
GRANDE  
DO SUL**